



**UFRJ**

UNIVERSIDADE FEDERAL  
DO RIO DE JANEIRO

Programa de Pós-Graduação em Linguística

**O ITEM DE VOCABULÁRIO VOCÊ NO PORTUGUÊS BRASILEIRO:  
EXPLORANDO A SINTAXE E SUAS INTERFACES SOB A ÓTICA DA  
MORFOLOGIA DISTRIBUÍDA**

GIOVANA PEREIRA ABRANCHES

2024

O ITEM DE VOCABULÁRIO VOCÊ NO PORTUGUÊS BRASILEIRO:  
EXPLORANDO A SINTAXE E SUAS INTERFACES SOB A ÓTICA DA MORFOLOGIA  
DISTRIBUÍDA

Giovana Pereira Abranches

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro como requisito para a obtenção do Título de Mestre em Linguística.

Orientador: Profa Dra Isabella Lopes Pederneira

Rio de Janeiro  
Fevereiro de 2024

O ITEM DE VOCABULÁRIO VOCÊ NO PORTUGUÊS BRASILEIRO:  
EXPLORANDO A SINTAXE E SUAS INTERFACES SOB A ÓTICA DA MORFOLOGIA  
DISTRIBUÍDA

Giovana Pereira Abranches

Orientadora: Isabella Lopes Pederneira

Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do Título de Mestre em Linguística.

Examinada por:

---

Prof. Doutor Alessandro Boechat de Medeiros – PPG de Linguística – UFRJ

---

Profa. Doutora Janayna Maria da Rocha Carvalho – PPG em Estudos Linguísticos – UFMG

---

Prof. Doutor Rafael Dias Minussi – PPG em Letras – UNIFESP, Suplente

---

Profa. Doutora Silvia Regina de Oliveira Cavalcante – PPG em Letras Vernáculas – UFRJ, Suplente

Rio de Janeiro  
Fevereiro de 2024

## **Agradecimentos**

Agradeço à CAPES, pelo apoio financeiro durante a jornada do mestrado e aos membros da banca por aceitarem o convite de participar da defesa desta dissertação. À Isabella, minha orientadora, expresso minha profunda gratidão por sua orientação e dedicação excepcionais ao longo deste processo. Agradeço imensamente pelo voto de confiança ao decidir me orientar, pela paciência com minhas dificuldades, pelas palavras de incentivo, por saber quando necessitava de mais liberdade e quando realmente precisava de uma mão me guiando. Com você, aprendi a ser pesquisadora. Pode ser clichê, mas a verdade é que além de uma mentora, ganhei uma grande amiga. Eu vou sentir muita saudade dessa parte da minha vida. Obrigada por tornar esta jornada possível e inesquecível.

Maria Fernanda e Lohrayne, não há palavras suficientes para agradecer o apoio, não apenas nesta fase, mas ao longo de tantas as fases da minha vida; afinal, vocês estiveram presentes na maioria. E como estiveram. A cada queda me apoiando e a cada conquista celebrando por vezes mais do que eu mesma. Mari, obrigada por ser aquela amiga que cobra, que cuida, que é porto seguro. Lo, obrigada por ser essa luz, essa alegria, por viver a dor junto com a gente como se fosse sua.

Diana e Mariane, agradeço pela amizade, pela companhia, pelas saídas, por me fazerem rir tanto e também me darem suporte nos momentos em que nem todos permanecem presente. Sou grata por cada momento compartilhado. Obrigada por serem exemplos de mulheres incríveis. Diana, um dia espero aprender contigo a multiplicar as horas do dia. Mari, espero conseguir ser metade da professora que você é. Vocês me inspiram a me dedicar aquilo que eu quero conseguir.

Verenna, a sua amizade trouxe leveza aos meus dias ruins nessa jornada. Você me faz esquecer dos problemas do mundo, ao mesmo tempo que você ajuda justamente com eles. Eu não sou boa em expressar tudo que sinto, mas sabia que espero seguir te agradecendo por muitos e muitos anos ainda. Obrigada pelas verdades, pelas mentiras, pela presença sempre.

Bruno, te agradeço pelas risadas, sem você eu teria enlouquecido (mais). O mestrado me trouxe muitos momentos de ansiedade, mas também muitos de alegrias e você com certeza foi parte desses momentos dos quais sempre vou lembrar com carinho. Que continuemos rindo e evoluindo juntos.

Felipe, obrigada pela troca de ideias que enriqueceram meu pensamento enquanto pesquisadora. Agradeço pela sua disposição em compartilhar seu conhecimento comigo e espero seguirmos colaborando no futuro.

Maurício, obrigada por aceitar ser submetido a inúmeros testes linguísticos nada éticos e sem nunca questionar. Agradeço pela amizade de anos que persiste mesmo quando não nos vemos tanto.

À minha gata, Pepe, obrigada por ser tão fofinha e me lembrar que tenho que seguir em frente para pagar suas contas.

A minha avó, agradeço pelo amor constante. Obrigada por querer ser parte da minha vida, pela paciência inesgotável, pela infância incrível. Se eu pudesse mudar qualquer coisa, pediria só para viver tudo com você mais uma vez.

Ao meu irmão, Rodrigo, agradeço por me ouvir sempre. Obrigada por me escutar mesmo quando não faz sentido, mesmo quando não pode ajudar. A sua presença me traz conforto. Fico feliz por saber que você não tem opção e tem que ser parte da minha vida, porque ela é muito melhor com você nela.

Aos meus pais, agradeço por darem espaço a esse sonho, por me apoiarem e acreditarem tanto em mim. Vocês nunca me fizeram duvidar da minha capacidade acadêmica, pelo contrário, vocês acreditaram que eu podia conseguir tudo, tudo mesmo, até quando eu não achava que estava pronta ou à altura daquilo que almejava. Obrigada por terem sido meus primeiros professores, inspirando-me desde a infância. Pai, obrigada por desde cedo ter incentivado meus estudos, por ter estudado junto, colocado a mão na massa mesmo, sempre com orgulho e paciência. Mãe, professora por natureza e profissão, agradeço por crescer comigo, por sempre ter colo pra dar, por ter doado tanto tempo para mim, pelo amor e dedicação.

Rafael, por onde começar? Obrigada por existir e ser parte da minha vida. Obrigada pelo apoio, pela compreensão, por me ouvir reclamar, chorar, rir, raciocinar, enlouquecer ao longo dessa jornada. Você tornou tudo mais fácil e me fez seguir em frente quando eu já achava que não podia mais. Obrigada por sempre acreditar em mim, principalmente quando eu não acredito. Obrigada por me fazer querer crescer, aprender e ser melhor em todos os sentidos. Obrigada por ser meu pilar, meu incentivo e, acima de tudo, por compartilhar a vida comigo. Eu sempre estarei aqui e aonde for com você.

Fazer esses agradecimentos me faz lembrar a alegria que é conhecer todos vocês. Mais uma vez, obrigada!

## CIP - Catalogação na Publicação

P161i      Pereira Abranches, Giovana  
            O item de vocabulário você no Português  
            Brasileiro: explorando a sintaxe e suas interfaces  
            sob a ótica da Morfologia Distribuída / Giovana  
            Pereira Abranches. -- Rio de Janeiro, 2024.  
            90 f.

            Orientadora: Isabella Lopes Pederneira.  
            Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do  
            Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Programa de Pós  
            Graduação em Linguística, 2024.

            1. Morfologia Distribuída. 2. Gerativismo. 3.  
            Interface sintaxe-semântica. 4. pronome pessoal  
            "você". I. Lopes Pederneira, Isabella, orient. II.  
            Título.

## RESUMO

### O ITEM DE VOCABULÁRIO VOCÊ NO PORTUGUÊS BRASILEIRO: EXPLORANDO A SINTAXE E SUAS INTERFACES SOB A ÓTICA DA MORFOLOGIA DISTRIBUÍDA

Giovana Pereira Abranches

Orientadora: Isabella Lopes Pederneira

Resumo da dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Linguística, Faculdade de Letras, da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do Título de Mestre em Linguística.

Nesta dissertação, o objetivo principal é descrever a composição interna do item de vocabulário *você* e seu nó terminal no que diz respeito aos traços abstratos que o compõem a partir do arcabouço teórico da Morfologia Distribuída, realizando uma revisão de literatura sobre o que já foi investigado a respeito do fenômeno linguístico analisado. Partimos de duas questões: a aparente incongruência entre a semântica e a concordância verbal/clíticos usados com esse pronome de segunda pessoa e a possibilidade distinguir pelo menos duas leituras deste pronome - um *você* que se refere apenas ao interlocutor e um *você* com leitura impessoal. Neste último contexto, o pronome pode ser interpretado como “qualquer/ toda pessoa/ alguém”. Com a primeira problemática levantada, são exploradas duas possibilidades: *você* tem traços de terceira pessoa ou de segunda pessoa. Em relação à segunda problemática, exploram-se hipóteses possíveis para esse fenômeno - há ou não a necessidade de postular novos traços (como de definitude) para dar conta da leitura impessoal; e/ou o contexto sintático determina estas leituras?

Palavras-chave: Morfologia Distribuída; item de vocabulário *você*; traços abstratos e implementação fonológica; sintaxe e interfaces.

Rio de Janeiro

Fevereiro de 2024

*ABSTRACT*

THE VOCABULARY ITEM VOCÊ IN BRAZILIAN PORTUGUESE:  
EXPLORING THE SYNTAX AND ITS INTERFACES FROM THE PERSPECTIVE OF  
THE DISTRIBUTED MORPHOLOGY FRAMEWORK

Giovana Pereira Abranches

Orientadora: Isabella Lopes Pederneira

Abstract da dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Linguística, Faculdade de Letras, da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do Título de Mestre em Linguística.

In this dissertation, the main objective is to describe the internal composition of the vocabulary item *você* and its terminal node regarding the abstract features that constitute it, based on the theoretical framework of Distributed Morphology. This involves conducting a literature review on what has already been investigated regarding the raised issues. We start with two questions: the apparent incongruence between the semantics and verbal agreement/clitics used with this second-person pronoun, and the possibility of distinguishing at least two interpretations of this pronoun - one where *você* refers only to the interlocutor and another with an impersonal reading. In this latter context, the pronoun can be interpreted as "anyone/everyone/someone." Regarding the first issue, two possibilities are explored: *você* has features of the third person or second person. In relation to the second issue, possible hypotheses are explored for this phenomenon - is there a need to postulate new features (such as definiteness) to account for impersonal readings; and/or does syntactic context determine these readings?

Keywords: Distributed Morphology; vocabulary item *você*; abstract features and phonological implementation; syntax and interfaces

Rio de Janeiro  
Fevereiro de 2024



# SUMÁRIO

<b>SUMÁRIO.....</b>	<b>9</b>
<b>1 Introdução.....</b>	<b>10</b>
1.1 Breve histórico.....	12
1.2 Comportamento morfossintático e semântico.....	13
<b>2 Fundamentação teórica.....</b>	<b>20</b>
2.1 Modelos lexicalistas e construcionistas.....	20
2.2 Arquitetura da gramática na Morfologia Distribuída.....	23
2.3 Sobre pronomes pessoais.....	27
<b>3 Traços de pessoa.....</b>	<b>29</b>
3.1 A interpretação de pronomes.....	34
3.1.1 O papel dos traços $\phi$ .....	34
3.1.2 Formas de terceira pessoa com referência de segunda pessoa.....	39
3.2 Concordância e clíticos de segunda pessoa.....	39
3.2.1 Menuzzi (1999, 2004).....	40
3.2.2 Martins & Nunes (2021).....	44
3.2.3 Harris (1998), Embick (2015), Arregi e Nevins (2018).....	46
3.2.4 Collins e Postal (2012), Collins e Ordóñez (2020).....	48
3.2.5 Marcotulio (2012).....	53
<b>4 Pronome impessoal.....</b>	<b>59</b>
4.1 Genericidade.....	60
4.2 Propostas.....	67
4.2.1 Carvalho (2008, 2018).....	67
4.2.1.1 (In)definitude.....	70
4.2.2 Gruber (2017).....	72
4.2.3 Alonso-Ovalle (2000).....	76
4.2.4 Moltmann (2006, 2010).....	78
4.2.5 Malamud (2012).....	81
4.2.6 Zobel (2014).....	83
4.3 <i>Você</i> impessoal enquanto expletivo?.....	85
<b>5 Proposta preliminar.....</b>	<b>88</b>
<b>6 Considerações finais.....</b>	<b>90</b>
<b>Referências.....</b>	<b>92</b>

## 1 Introdução

Os pronomes pessoais e seus traços representam um campo de estudo que nos permite investigar a interação entre morfologia, sintaxe e semântica. Esses pronomes são expressões cujos significados não são fixos, variando em contextos de enunciação diferentes. Em (1) esta característica pode ser observada - *você* e *eu* possuem referentes distintos em cada sentença, já que usamos a primeira pessoa para nos referir ao "falante" e a segunda pessoa ao "ouvinte." Esse é o uso predominante do pronome pessoal de primeira e segunda pessoa. Chamaremos esse uso de "referencial" ou "indexical".

(1) A:  $Eu_A$  acho  $você_B$  inteligente

B: E  $eu_B$  acho  $você_A$  legal

Nesta dissertação, eu abordo especificamente o comportamento do pronome *você*. O objetivo geral é realizar uma revisão teórica dos fenômenos linguísticos relacionados a concordância e uso do *você* impessoal, que serão discutidos ao longo deste trabalho. Proponho uma análise sincrônica do comportamento morfossintático desse pronome, relacionado aos seus traços de pessoa (um traço  $\varphi$ ), mas questões semânticas também serão abordadas de maneira superficial, por imposição do próprio andamento do estudo. Esta análise se guiará pelos pressupostos teóricos da Morfologia Distribuída (ver capítulo 2). O propósito desta análise é explicitar o feixe de traços abstratos que compõem o nó terminal em que a forma *você* é inserida. Para isto, serão analisados os pronomes clíticos de segunda pessoa, a flexão de segunda pessoa e o uso do pronome *você* impessoal. O motivo pelo qual iremos observar a utilização impessoal do pronome *você* está ligado ao objetivo de identificar a matriz de traços desse pronome: primeiramente, este uso nos permite investigar se devemos introduzir um novo traço na sua composição (como [definitude]). Além disso, como será discutido no capítulo 4, algumas teorias sugerem que a interpretação genérica/impessoal de um pronome como *você* é possível devido à sua natureza com

o participante do discurso. Assim, o traço de segunda pessoa pode ser crucial para permitir essa interpretação. Considerando que pronomes de segunda pessoa (com traços formais de segunda pessoa), em diversas línguas podem ser usados com leitura impessoal, cabe investigar se traço formal de segunda pessoa desempenha um papel na viabilidade da interpretação impessoal ou se a leitura semântica de uma segunda pessoa é suficiente para permitir a interpretação impessoal.

Buscamos, portanto, responder às seguintes perguntas, que se configuram como objetivos específicos deste trabalho:

a) O sincretismo verbal é resultado de uma subespecificação dos itens de vocabulário de Agr (concordância)? Isso explica a concordância de *você* com a terceira pessoa ou é preciso propor que *você* tenha traços de terceira pessoa?

b) Há traços sintáticos e de interface semântica que distinguem os dois tipos de referência do pronome *você* no PB: referencial ou impessoal? Há necessidade de postular novos traços para dar conta desta última leitura?

As hipóteses que norteiam este trabalho são as seguintes:

- a) *Você* possui traços formais de terceira pessoa;
- b) É possível explicar a leitura impessoal de *você* sem a postulação de novos traços;
- c) O contexto sintático e semântico permite eliminar a ambiguidade.

Esta dissertação está estruturada da seguinte forma. Na introdução conduzo uma breve análise histórica sobre a origem do pronome *você*, tendo em vista que uma perspectiva diacrônica do pronome não é o foco central da dissertação. Em seguida, apresento de maneira preliminar o comportamento morfossintático e semântico do pronome, introduzindo questões sobre a interpretação do pronome e a concordância, buscando entender o que isso revela sobre seus traços de pessoa e questões sobre o uso impessoal do pronome *você*. Essas questões serão exploradas mais profundamente nos capítulos 3 e 4. O capítulo 2 apresenta a fundamentação teórica da dissertação. O capítulo 3 trata sobre questões relacionadas aos traços de pessoa dos pronomes quanto a semântica. Também exploro propostas que tratam do desajuste entre os traços morfossintáticos e a interpretação do pronome, observando a concordância verbal e os clíticos. O capítulo 4 aborda o tema dos pronomes impessoais, discutindo a relação do pronome impessoal *você* com sentenças genéricas e abordando algumas propostas sobre a interpretação de pronomes pessoais com leitura impessoal. Neste capítulo, ainda abordo brevemente o uso do *você* em sentenças existenciais e seu suposto papel de expletivo. No capítulo 5, apresento uma proposta preliminar para explicar o comportamento morfossintático e semântico do pronome *você*. Por fim, no capítulo 6, são apresentadas as conclusões alcançadas

## 1.1 Breve histórico

A gramaticalização de *Vossa Mercê* até o pronome *ocê* é um fenômeno muito estudado dentro do quadro de mudanças morfossintáticas que ocorreram no português, servindo de objeto de estudo para diversos trabalhos (Faraco, 1996; Marcotulio, 2012; Cintra, 1972; Lopes e Duarte 2003; Rumeu 2001 e 2004; Machado, 2006; Chaves 2006; Barcia, 2006; Souza, 2012; Vitral, 1996).

Essa construção inicialmente fazia referência não diretamente ao rei como pessoa do discurso, portanto, uma expressão não pronominal (cf. Faraco, 1996). Dessa forma, *Vossa Mercê* fazia referência a uma propriedade do rei (encomendar-se em vossa mercê, se for vossa mercê, que seja vossa mercê, etc.) e funcionava como um sintagma possessivo:

(2) Senhor rey dom Fernão, seja vossa mercee de vos acordardes de my e me dardes a terra que vos meu padre leixou e guarda (...)

(CdP, Crónica Geral de Espanha, 1344)

Com o uso frequente, esse sintagma sofre perdas semântico-pragmáticas e *Vossa Mercê* adquire características mais funcionais. Dessa forma, o sintagma possessivo passa a sintagma pronominal enquanto forma de tratamento, com caráter dêitico, fazendo referência à segunda pessoa do discurso (2 SG). Em Portugal, no século XV, as formas de tratamento de estrutura *Vossa + N* (*Vossa Mercê*, *Vossa Senhoria*, *Vossa Majestade*), usadas de início exclusivamente para o tratamento do rei, espalharam-se pela população não aristocrática:

(3) senhor, que Vossa Merce me lembrou uma cousa, que me esquecia, e que eu trazia muito estudada, pera ser a primeira sobre que gritasse neste reino.

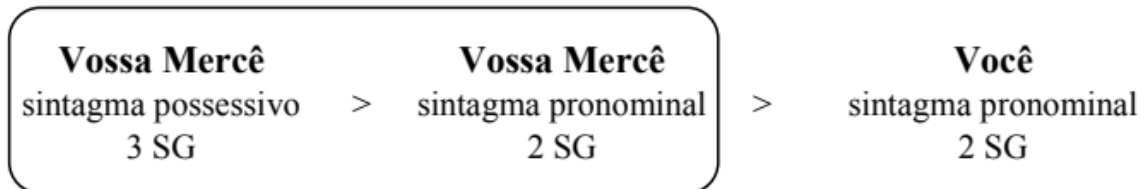
(CdP, Soldado prático, Diogo de Couto, 1588)

Assim, no processo de colonização do Brasil, o português trazido para o país já apresentava *Vossa Mercê* como formas de tratamento utilizado em qualquer tipo de relação não íntima, sendo empregado inclusive pela baixa burguesia (cf. Souza, 2012). Câmara Júnior (1979) aponta que a forma *vosemecê* teria sido estágio intermediário da gramaticalização do *Vossa Mercê*.

Como observado por Rumeu (2001), o pronome *ocê* entrou em competição com o *tu* em relações de intimidade nos séculos XVIII e XIX, antes de predominar sobre o *tu* em grande parte do território brasileiro a partir do século XX. *Você* se tornou extremamente

produtivo no PB, ocupando espaços que seriam de *Vossa Mercê* e *tu*. Já no Português Europeu (PE), o uso de *você* em PE é bastante complexo e muitas vezes evitado.

Figura 1 - Processo de reanálise de *Vossa Mercê*



**Fonte:** Marcotulio (2012)

Ao partir da teoria gerativa, consideramos que a mudança sintática enquanto resultado de uma reanálise causada por alterações dos dados linguísticos primários ou da interpretação de dados linguísticos ambíguos/obscuros (Lightfoot, 1999; Robert; Rossou, 2003), pode-se entender que, diante das evidências linguísticas disponíveis, houve reanálise gramatical de *Vossa Mercê*. O processo de mudança sintática envolveria a reanálise<sup>1</sup> de itens lexicais em itens funcionais ou itens funcionais em outros itens funcionais - neste caso, uma expressão de posse, como em (2), foi reanalisada, passando à expressão pronominal enquanto forma de tratamento, com caráter dêitico, fazendo referência à segunda pessoa gramatical (2 SG) como em (3). A produtividade dessa forma pronominal levou a uma maior generalização do uso, que por sua vez, ciclicamente, aumentou a produtividade e levou à erosão fonética, fazendo emergir a forma *você*:

(4) *Vossa Mercê* > *Vosmecê* > *você*.

## 1.2 Comportamento morfossintático e semântico

O paradigma dos pronomes pessoais em PB é estruturado com relação aos traços de pessoa, número, gênero e caso. Tomemos como exemplo a forma *eu*, a qual realiza os traços de primeira pessoa, número singular e caso nominativo. A categoria de pessoa é dividida em primeira e segunda pessoas (os participantes) e a terceira pessoa (não participante). As duas primeiras são tradicionalmente entendidas como sendo sempre indexicais, ou seja, tem a escolha de seu referente dependente do contexto de enunciação, enquanto a terceira é

<sup>1</sup> Reanálise é o que foi chamado de gramaticalização acima. O termo gramaticalização é pertinente no arcabouço teórico funcionalista. De qualquer forma, esses termos estão sendo utilizados na presente dissertação para se referir ao mesmo processo de mudança linguística.

geralmente anafórica, ou seja, tem seu referente atribuído pelo próprio contexto linguístico, apesar de poder ser indexical em casos como (5):

(5) A: Não acredito que ele veio (apontando para um homem)

No PB, a categoria de gênero é dividida em masculino e feminino e têm marcação apenas na terceira pessoa; a categoria de número é dividida em singular e plural. Abaixo podemos ver o quadro de pronomes pessoais:

Quadro 1 - Paradigma de pronomes pessoais do PB

	Singular	Plural
Primeira pessoa	eu	nós/a gente
Segunda pessoa	tu / você	vocês
Terceira pessoa	ele/ela	eles/elas

Em princípio, parece haver duas implementações fonológicas diferentes para traços abstratos de segunda pessoa que compõem um nó terminal - *você* e *tu*. Esta classificação, no entanto, estaria estabelecendo traços somente a partir do significado dos pronomes e não dos seus reflexos morfossintáticos. No PB falado no Rio de Janeiro, por exemplo, a concordância destes pronomes com a terceira pessoa e o uso do reflexivo *se* levantam questões a respeito dos traços de pessoa que compõem este pronome (tanto o nó terminal quanto o Item de Vocabulário). Nota-se que morfossintaticamente os pronomes aparentam ser pronomes de terceira pessoa, como pode ser observado pela concordância verbal, enquanto os traços deste pronome parecem ser de segunda pessoa no que diz respeito a sua interpretação semântica:

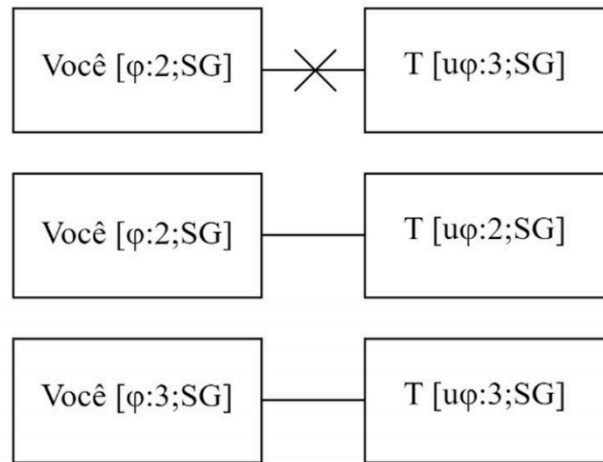
(6) a. Você gosta de ir à praia.

b. Você se machucou.

O *mismatch* (incompatibilidade) entre a semântica do pronome e seu comportamento morfossintático leva a suposição de que os traços de pessoa em T (flexão) são diferentes dos traços do pronome. Este, porém, não pode ser o caso: se *você* é um pronome com traços de segunda pessoa, ao realizar a concordância com a terceira pessoa, não haveria pareamento, valoração e eliminação dos traços não-interpretáveis de T, uma questão problemática para

Teoria de Verificação de Traços (Chomsky, 1995)<sup>2</sup>. Deste modo, esperaríamos que sentenças como em (1) fossem agramaticais; no entanto, sabemos que isso não é o que ocorre.

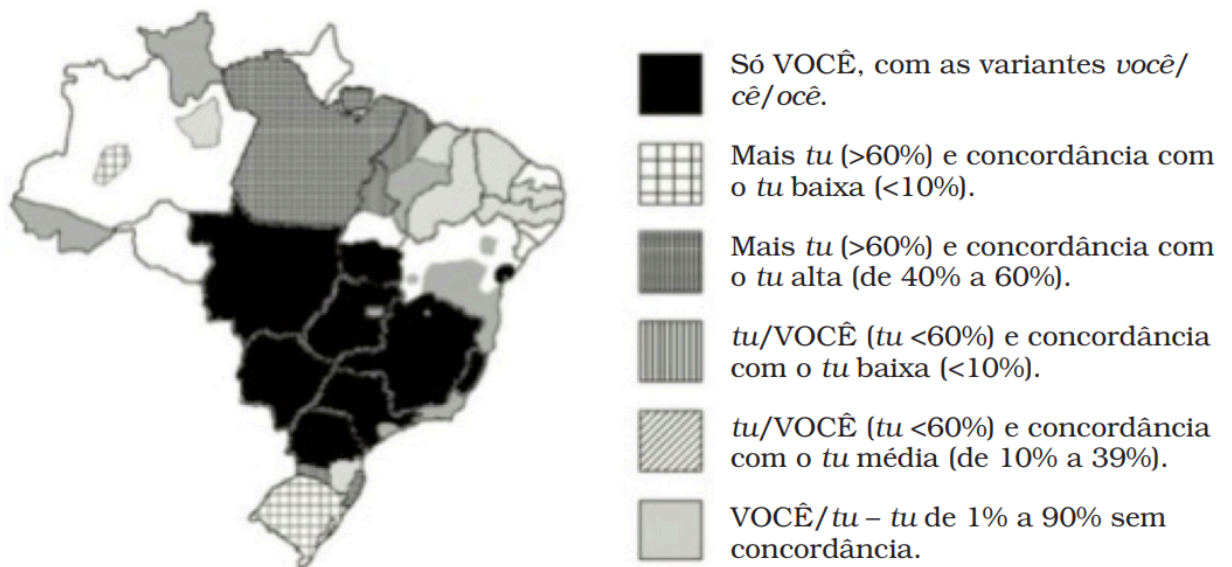
Figura 2 - Possibilidades de concordância para o *você*



**Fonte:** elaborado pela autora

É preciso ainda pontuar, ao tratar do pronome *você* e *tu*, que seus usos e a alternância entre estas formas não é homogênea em todo território brasileiro:

Figura 3 - Mapeamento da alternância das formas de segunda pessoa do singular



**Fonte:** Scherre et al., 2015, p.12

<sup>2</sup> A possibilidade de estarmos lidando com a subespecificação da concordância ou uma concordância *default* é tratado na seção 3.2.

Embora *voce* seja o pronome de 2ª pessoa mais empregado no PB, *voce* convive com *tu* ou “perde” para esse pronome em algumas regiões do país. Repare que *tu* pode alternar com verbos flexionados na segunda e terceira pessoas, a depender da região, enquanto *voce* ocorre exclusivamente com a terceira pessoa. Podemos, portanto, atestar as seguintes possibilidades de concordância:

- (7) a. *tu* com verbo conjugado na 2ª pessoa: Quando *tu* vais a Florianópolis?  
 b. *tu* com verbo conjugado na 3ª pessoa: Quando *tu* vai ao Rio?  
 c. *voce* com verbo conjugado na 3ª pessoa: Quando *voce* vai a São Paulo?

Com isso, podemos chegar a seis alternativas de usos da segunda pessoa do singular (Scherre et al., 2015): (i) uso exclusivo de *voce* e suas formas reduzidas *cê* e *ocê*; (ii) mais *tu* (acima de 60% com concordância abaixo de 10%) e pouco uso de *voce*; (iii) mais *tu* (acima de 60% com concordância entre 40% e 60%) e pouco uso de *voce*; (iv) *tu/voce* (uso médio de *tu* abaixo de 60% com concordância abaixo de 10%); (v) *tu/voce* (uso médio de *tu* com concordância média entre 10% e 39%); (vi) *voce/tu* (uso de *tu* sem concordância de 1% a 90%).

Há ainda que se considerar um outro possível traço. O pronome *tu* em alguns dialetos, como é o caso do PB falado no Rio de Janeiro, é considerado mais informal que o *voce*. Poderíamos, então, propor que além dos traços de pessoa, gênero e número, o pronome também apresenta traço de formalidade. A diferença do grau de formalidade na segunda pessoa é clara no sistema pronominal da língua francesa, por exemplo, que utiliza *vous* como segunda pessoa do singular formal (homófona a forma da segunda pessoa do plural *vous*):

- (8) *Vous avez raison.*  
 2PL/*voce*.2PL tem.2PL ração  
 “*Vocês/voce* (formal) tem razão”

Já no PB, não há uma marcação tão clara que distingue a formalidade de *tu* e *voce*. No sul, por exemplo, existem regiões em que o *voce* é utilizado em situações de não intimidade/solidariedade e maior distanciamento com o interlocutor. No entanto, podemos dizer que o pronome *voce* é geralmente visto de forma neutra, não marcada; assim, *voce* não seria considerado formal ou polido, mesmo o *tu* sendo considerado mais informal em muitas regiões como no Rio de Janeiro e Fortaleza. Desse modo, se formos considerar um traço como



[±formal], o Item de Vocabulário deveria ser subespecificado para esse traço de formalidade. Como vimos na seção anterior, *você* pode ser usado em situações mais formais, mas também é amplamente utilizado na fala informal, sendo um pronome “coringa”. O tratamento mais formal aparece na forma de “o senhor” e “a senhora” no PB.

É importante, ainda, notar que os traços morfossintáticos de *você* devem ser estudados levando em consideração o Caso Estrutural, uma vez que parece haver diferenças quanto ao licenciamento da concordância com a terceira ou segunda pessoa, por exemplo, a depender da função do clítico, tendo em vista os resquícios de Casos Morfológicos no quadro pronominal do PB (Pereira, 2006):

Quadro 2 - Clíticos de segunda pessoa

Acusativo reflexivo	Acusativo	Dativo
Você se machucou *Você te machucou	Você <sub>i</sub> disse que ele te <sub>i</sub> machucou *Você <sub>i</sub> disse que ele se <sub>i</sub> machucou <sup>3</sup> ?Você <sub>i</sub> disse que ele o/a <sub>i</sub> machucou	Você <sub>i</sub> está machucado, vou te <sub>i</sub> dar um curativo ?Você <sub>i</sub> está machucado, vou lhe <sub>i</sub> dar um curativo

**Fonte:** elaborado pela autora

Por fim, vamos observar sentenças em que o pronome *você* não aparece representando um interlocutor específico, desafiando a visão de que esse pronome é inerentemente indexical (como em Kaplan, 1989). Este uso impessoal é frequente no PB, também sendo atestado interlinguisticamente. Buscamos analisar se é preciso propor a existência de traços que diferenciem essas interpretações do pronome para lidar com o uso impessoal sem nos utilizarmos de uma explicação pela homofonia. Assim, procuramos observar os contextos em que o *você* pode ser empregado, novamente no intuito de revelar a composição de traços abstratos que o compõem.

Parte-se do pressuposto de que há pelo menos duas leituras possíveis - *você* com leitura referencial (9a) e *você* com leitura impessoal (9b):

- (9) a. Você ia muito à praia.  
b. Você acha esse tipo de produto no mercado.

<sup>3</sup> Neste caso, a impossibilidade não é pelos traços de pessoa, mas por se tratar de uma forma que só pode funcionar como anáfora.

A leitura impessoal de *você* abrange um grupo não específico, que potencialmente inclui falante e ouvinte. Note que há pronomes que não permitem essa leitura impessoal ou que, apesar de permitirem uma leitura não específica do pronome, nunca possibilitam a inclusão das segunda e primeira pessoas, como é o caso do pronome de terceira pessoa do plural em (10). Holmberg & Phimsawat (2015) consideram que o pronome de terceira pessoa do singular *they* permite, nas palavras dos autores, uma leitura genérica exclusiva (refere-se a pessoas em geral, num dado domínio, excluindo falante e ouvinte), portanto, e que esta leitura é apenas possível com a presença de um advérbio locativo ou de tempo:

(10) In Italy, they like to take a nap in the afternoon.

“Na Itália, eles gostam de tirar um cochilo à tarde.”

(Holmberg & Phimsawat, 2015)

O *você* impessoal costuma ser usado para dar conselhos, passar instruções, fazer generalizações, prescrever normas ou para criar um senso de inclusão. O que este *você* inclui varia de acordo com o contexto em que está inserido:

(11) a. É chato quando você não tem o que fazer no fim de semana.

b. O bom de ser professor é que você aprende muito com as experiências em sala de aula.

Em (11a), o pronome refere-se a “qualquer pessoa”, incluindo o ouvinte e o falante desta sentença. Em (11b), o pronome refere-se a um subconjunto delimitado – “qualquer professor”. O falante e o ouvinte podem ou não estar incluídos a depender se eles fazem parte deste subconjunto. Pode-se notar, ainda, que apesar de poder figurar em frases com essa interpretação, o pronome *você* não é sempre intercambiável com “pessoas” ou “qualquer pessoa”:

(12) a. Qualquer pessoa tem boca.

b. Pessoas têm boca.

c. #Você tem boca.

Assim, a leitura impessoal deste pronome não está sempre disponível. Existem condições que bloqueiam essa interpretação, forçando necessariamente uma interpretação

referencial do pronome. Em (13a), as duas leituras estão disponíveis, em (13b) apenas a leitura específica é possível e em (13c) a leitura genérica é a mais saliente (não consideramos aqui um contexto fictício, em que a pessoa foi transportada a 1950):

- (13) a. Você aprende com seus erros.
- b. Você aprendeu com seus erros.
- c. Você não podia fazer isso em 1950.

No que diz respeito ao estudo de pronomes com essa leitura, diversos termos conceituais são utilizados: pronome arbitrário, impessoal, indefinido, genérico, entre outros. Para melhor debater esta questão, além de investigar a composição interna dos pronomes, revisaremos algumas propostas acerca desse possível uso do pronome (ver capítulo 4).

## 2 Fundamentação teórica

### 2.1 Modelos lexicalistas e construcionistas

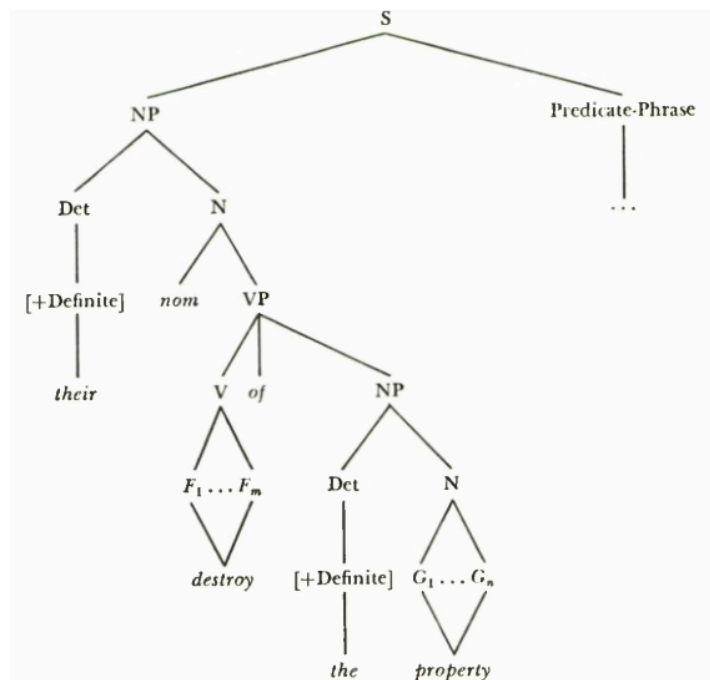
A discussão relativa ao processo de derivação de palavras e o que está a cargo do léxico e da sintaxe constitui um ponto de discordância entre modelos distintos na teoria de gramática gerativa. Em *Aspects of the Theory of Syntax* (Chomsky, 1965), com a proposição formal do Léxico enquanto componente distinto da sintaxe, já são abordadas considerações pertinentes à distribuição de trabalhos entre as regras de base e as regras transformacionais. Sobre processos regulares, Chomsky (1965) propõe que palavras nominalizadas não estão listadas no léxico. Regras fonológicas determinam a forma das palavras, que possuem traços que especificam sua realização fonética quando aparecem em contexto de nominalização:

Consider, for example, nominalization transformations of the sort that form the sentences "their destruction of the property..." "their refusal to participate..." etc. Clearly, the words destruction, refusal, etc., will not be entered in the lexicon as such. Rather, destroy and refuse will be entered in the lexicon with a feature specification that determines the phonetic form they will assume (by later phonological rules) when they appear in nominalized sentences.[...] In any event, phonological rules will determine that nomT'destroy becomes destruction and that nomT~ refuse becomes refusal, and so on.<sup>4</sup> (Chomsky, 1965)

---

<sup>4</sup> Considere, por exemplo, transformações de nominalização do tipo que formam as frases "their destruction of the property..."(sua destruição da propriedade), "their refusal to participate..." (sua recusa em participar) etc. Claramente, as palavras "destruction" (destruição), "refusal" (recusa), etc., não serão inseridas no léxico como tais. Em vez disso, "destroy" e "refuse" serão inseridos no léxico com uma especificação de traços que determina a forma fonética que assumirão (por meio de regras fonológicas posteriores) quando aparecerem em frases nominalizadas.[...] Em qualquer caso, regras fonológicas determinarão que nomT'destroy se torne "destruction" e que nomT'refuse se torne "refusal", e assim por diante.

Figura 4 - Estrutura sintática da sentença “their destruction of the property”



**Fonte:** Chomsky (1965)

Com a publicação de *Remarks on Nominalization*, Chomsky (1970) debruça especificamente sobre a questão relativa à divisão de trabalho entre o componente de base e o componente transformacional, chamando atenção para a distinção nos processos de formação de nominais derivados (14a) e gerúndios nominais/nominais gerundivos (14b).

- (14) a. John's refusal of the offer  
 b. John's refusing of the offer

Pesquisas anteriores na linha gerativa (Lees, 1960; Lakoff, 1970) assumiam que toda nominalização era deverbal e desentencial; portanto, transformacional. No entanto, Chomsky (1970) aponta que as duas nominalizações exibem comportamentos diferenciados, de modo que considera que apenas os gerúndios nominais são resultado de transformações sintáticas. Nominais derivados, como refusal, seriam resultado de uma raiz (categorialmente ambígua), inserida em uma estrutura nominal.

Nasce, com *Remarks*, a Hipótese Lexicalista. Em sua versão forte (Lapointe, 1980; Lieber, 1980; Williams, 1981; Halle, 1973; Jackendoff, 1975), também chamada de Teoria da Entrada Lexical Plena, esta hipótese determina que as regras sintáticas não podem se referir a qualquer estrutura interna da palavra, assim, a palavra seria a unidade sintática mínima - a sintaxe manipula palavras e unidades maiores que a palavra. Todas as palavras, tanto as flexionadas, como as derivadas e compostas, são formadas no Léxico. Poderíamos, então, resumir a ideia geral desta hipótese:

(15) Hipótese Lexicalista Forte

“Syntactic rules cannot make reference to any aspect of the internal structure of a word.” (Scalise, 1984:101)<sup>5</sup>

A sua versão enfraquecida pode ser resumida da seguinte forma:

(16) Hipótese Lexicalista Fraca

“[...] derivational morphology is never dealt with in the syntax, although inflection is, along with other such ‘morphological’ matters such as *Do* support, Affix Hopping, Clitic Rules, i.e. all of ‘grammatical morphology’.” (Aronoff, 1976:8-9)<sup>6</sup>

Em Aronoff (1976), por exemplo, novas palavras são formadas a partir da aplicação de regras regulares a palavras já existentes. Essas são as Regras de Formação de Palavras (RFPs), que dão conta da formação de novas palavras no léxico. As estruturas produzidas no léxico são opacas para sintaxe, ou seja, mesmo possuindo estrutura interna, a sintaxe trata os itens lexicais como unidades atômicas, não complexas. Anderson (1992), em sua teoria a-morfa, também advoga por uma hipótese lexicalista mais fraca, propondo que a morfologia pode ser dividida entre a morfologia flexional, mediada pela sintaxe e a morfologia derivacional, que ocorre no léxico. Essa teoria parte de alguns pressupostos como a rejeição do morfema clássico para análise morfológica; a afirmação de que as propriedades dos itens lexicais individuais (além de suas características relevantes para inflexão) não estão disponíveis para operações sintáticas e a afirmação de que as palavras não têm, em geral, uma estrutura morfológica interna para que as regras fonológicas e morfológicas se refiram.

---

<sup>5</sup> Regras sintáticas não podem fazer referência a qualquer aspecto da estrutura interna de uma palavra.

<sup>6</sup> [...] a morfologia derivacional nunca é tratada na sintaxe, embora a flexão seja, juntamente com outras questões 'morfológicas' como *Do* support (suporte do afixo *do*), pulo do afixo, regras de clíticos, ou seja, toda a 'morfologia gramatical'.

Modelos lexicalistas de gramática contrastam com os modelos construcionistas gerativos (Embick e Noyer, 2007; Halle e Marantz, 1993; Marantz, 1997; Borer, 2003, 2005a, 2005b, 2013), em que a sintaxe dá conta tanto da derivação quanto da flexão, a formação de palavras não ocorre no Léxico - a sintaxe concatena não somente palavras para formação de sintagmas e sentenças, mas também estruturas abaixo do nível da palavra, os morfemas, que formam os itens lexicais. Assim, não há um léxico gerativo onde as palavras são formadas previamente à derivação sintática, ou seja, nesta perspectiva sintática de construção de palavras, não existe um léxico que permita a geração de palavras ou uma derivação lexical distinta de uma derivação sintática.

Um ponto de diferenciação marcante está, portanto, em quais são as unidades mínimas manipuladas pela sintaxe. O léxico, como apresentado em *Aspects of the Theory of Syntax* (Chomsky, 1965) e outros trabalhos subsequentes, é uma lista de *palavras* que inclui diversas características gramaticais, como sua categoria sintática e o seu quadro de inserção sintática, também conhecido como subcategorização, que indica quais e que tipo de complemento a palavra projeta. A estrutura gramatical é, portanto, dependente das propriedades que constam no Léxico, uma vez que estas estão incluídas nas palavras. Além disso, o léxico fornece uma definição para a palavra e informações a respeito de sua pronúncia.

Para modelos construcionistas, categorias lexicais não são propriedades inerentes e são derivadas através da sintaxe. Estas abordagens consideram que além dos traços morfossintáticos, as raízes, não as palavras, são a unidade atômica manipulada pela sintaxe e que estas raízes são acategoriais<sup>7</sup>. Além disso, a sintaxe manipula feixes de traços morfossintáticos e itens funcionais. Desse modo, a própria sintaxe é o local de formação de palavras, negando a necessidade do léxico como uma instância distinta na qual as palavras são derivadas.

## **2.2 Arquitetura da gramática na Morfologia Distribuída**

A Morfologia Distribuída (doravante MD) é um modelo de gramática construcionista apresentado por Halle e Marantz (1993) no texto seminal intitulado *Distributed Morphology and the Pieces of Inflection*. Este modelo apresenta três propriedades fundamentais. São elas:

---

<sup>7</sup> Há análises, como a de Harley (2014), que atribuem estrutura argumental a raízes.

- Inserção Tardia - inserção da informação fonológica, os Itens de Vocabulário (IVs), na estrutura sintática criada pelo sistema computacional ocorre após a construção do esqueleto sintático, isto é, pós-sintaticamente;
- Subespecificação de Item de Vocabulário - o expoente fonológico escolhido para ser inserido no nó sintático terminal não precisa estar associado a todos os traços contidos no nó sintático candidato para a inserção. Em uma competição de IVs para a expressão do morfema, o item com todos os traços do morfema ou o que contém um subconjunto de traços mais especificado e não possui traços conflitantes é o que ganha a competição. A subespecificação pode ser utilizada para analisar sincretismos sem precisar recorrer à homofonia, como por exemplo, a realização do pretérito imperfeito na segunda e terceira conjugações. Assim, não há necessidade de considerar duas entradas - uma especificada para cada conjugação, como em (17). Basta omitir a informação relacionada à classe, como em (18). O Princípio do Subconjunto determina qual entrada será escolhida:

The phonological exponent of a Vocabulary item is inserted into a morpheme in the terminal string if the item matches all or a subset of the grammatical features specified in the terminal morpheme. Insertion does not take place if the Vocabulary item contains features not present in the morpheme. Where several Vocabulary items meet the conditions for insertion, the item matching the greatest number of features specified in the terminal morpheme must be chosen. (Halle, 1997)<sup>8</sup>

Assim, na inserção de IVs, é preciso considerar que: (i) IVs que apresentam um ou mais traços diferente de determinado nó terminal não pode competir para ser inserido nele - somente IVs com todos ou com um subconjunto dos traços do nó terminal competem para inserção; ii) o IV escolhido será aquela cuja especificação incluir o subconjunto maior dos traços do nó.

No exemplo em questão, podemos observar que a primeira conjugação será plenamente especificada, de modo que não pode ser inserida em nós de segunda e terceira conjugações, mas sempre será escolhida para realizar o nó da primeira conjugação por ser mais especificada.

---

<sup>8</sup> O expoente fonológico de um item de vocabulário é inserido em um morfema na cadeia terminal se o item corresponder a todas ou a um subconjunto dos traços gramaticais especificados no morfema terminal. A inserção não ocorre se o item de vocabulário contiver traços não presentes no morfema. Quando vários itens de vocabulário atendem às condições de inserção, o item que corresponder ao maior número de traços especificados no morfema terminal deve ser escolhido.



(17) Itens de vocabulário plenamente especificado

/va/ ↔ [passado, imperfectivo, c1]

/ia/ ↔ [passado, imperfectivo, c2]

/ia/ ↔ [passado, imperfectivo, c3]

(18) Itens de vocabulários subespecificados

/va/ ↔ [passado, imperfectivo, c1]

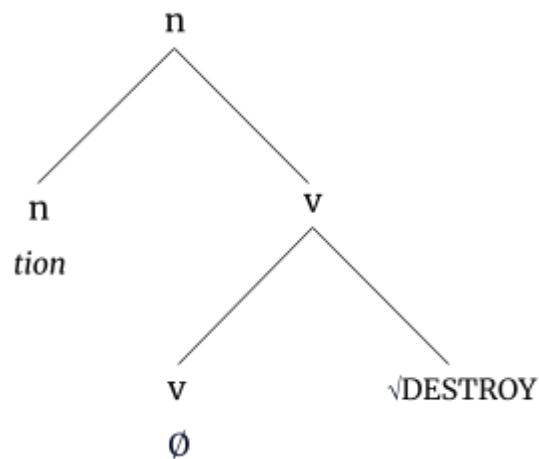
/ia/ ↔ [passado, imperfectivo]

- Estrutura Sintática Hierárquica *all the way down*: a estrutura de nós funcionais onde os IVs serão inseridos é determinada segundo a hierarquia das operações e princípios sintáticos. Além disso, a sintaxe é responsável por comandar não só a criação de sentenças e sintagmas, mas também a criação de palavras. Desse modo, se assume que os processos sintáticos concatenar, mover e copiar também são utilizados pelo sistema computacional para a formação de palavras.

O Léxico, não mais o responsável pela derivação de palavras, é expandido em três listas. A **Lista 1** é aquela que mais diretamente substitui o Léxico, fornecendo os átomos com os quais o sistema computacional irá operar: as raízes e morfemas abstratos (feixes de traços morfossintáticos).

As raízes são acategoriais e requerem a concatenação com um morfema categorizador, como pode ser visto na figura 5. Existem debates acerca da natureza das raízes, por exemplo, questiona-se se as raízes já seriam dotadas de fonologia ou se assumem uma natureza abstrata similar aos morfemas funcionais. Também se discute a presença ou não de conteúdo semântico nas raízes e se estas contém informação sobre a estrutura argumental.

Figura 5 - Estrutura sintática da palavra *destruction*



**Fonte:** elaborado pela autora

O termo morfema não é usado com a conotação tradicional do morfema enquanto uma unidade de som e significado, ou seja, com os traços morfossintáticos e fonológicos combinados. Na DM, morfemas são nós abstratos que carregam feixes de traços morfossintáticos, que posteriormente sofrem *spell out* sendo, então, associados a traços fonológicos.

Assim, além de não-lexicalista, a MD é um modelo separacionista, que não considera haver uma ligação prévia entre fonologia e morfologia. Os conjuntos de morfemas funcionais abstratos são determinados pela Gramática Universal e talvez por princípios particulares a cada língua. Uma língua se diferencia da outra em relação aos traços que estão ativos em determinada língua, o modo como estes traços são combinados e se estes são realizados ou não por um expoente fonológico.

Pós-sintaticamente, e antes da inserção do material fonológico, o componente morfológico pode realizar operações que modificam os nós terminais ou os traços neles contidos (fusão, fissão, deslocamento local, duplicação, empobrecimento). Após as possíveis modificações realizadas pelo componente morfológico, os conjuntos de traços são enviados para PF e as informações fonológicas são finalmente ligadas aos morfemas abstratos por meio de uma operação denominada *Spell-out*. A **Lista 2** (ou Vocabulário) é responsável por fornecer o material fonológico para os morfemas abstratos, bem como as informações sobre as associações entre os nós terminais sintáticos e os traços fonológicos. Estas regras de associação entre traços fonológicos e gramaticais são chamadas Itens de Vocabulário (IVs). Os IVs competem para a inserção, ganhando a competição o mais especificado quanto ao feixe de traços albergados pelo nó onde deverá ser inserido.

Por fim, a **Lista 3** (ou Enciclopédia) lista os significados idiossincráticos das raízes em contextos sintáticos específicos. Assim, a Enciclopédia oferece informações extralinguísticas como:

- (19)  $\sqrt{\text{GAT}}$  → “um pequeno mamífero domesticado” / [[ \_ ] *n*]  
 → ”uma pessoa atraente” / [[ \_ ] *n*]  
 → “ligação clandestina de serviços como energia elétrica e internet” / [[ \_ ] *n*]]

### 2.3 Sobre pronomes pessoais

Na tradição normativa, pronomes são usualmente definidos como a classe de palavra que substitui ou acompanha um substantivo. Essa definição, no entanto, não parece ser suficiente para lidar com todos os usos dos pronomes. Em primeiro lugar, enquanto formas como “esse” podem substituir substantivos como “caderno” (“Que caderno bonito, eu quero esse”), o mesmo não pode ser dito sobre os pronomes de primeira e segunda pessoas. *Eu* não está substituindo “a pessoa que fala”, “o falante”. A frase em (20a) é no mínimo ambígua e não é equivalente a (20b):

- (20) a. O falante saiu de sala  
 b. Eu sai de sala

Essa não é uma questão ligada apenas à indexicalidade - mesmo pronomes não-indexicais, como *ninguém* ou *alguém*, não precisam ser definidos a partir da substituição de um substantivo ou, no caso, de um sintagma como “nenhuma pessoa”/”alguma pessoa.” Além disso, como já pode ser observado nos exemplos acima, pronomes substituem não apenas substantivos, mas DPs inteiros:

- (21) a. *A menina bonita* saiu de sala  
 b. *Ela* saiu de sala

A maioria das línguas naturais (possivelmente todas) possui um conjunto fechado de pronomes para a identificação dos três papéis discursivos - falante, ouvinte e não-participante - chamadas de pronomes pessoais. Os pronomes pessoais se caracterizam pelo fato de seu

referente variar de acordo com cada contexto extralinguístico e linguístico, ou seja, apresentam uma dependência referencial, de modo que a identidade de seus referentes só pode ser determinada pelo contexto extralinguístico (pronomes de primeira e segunda pessoas), linguístico (pronomes de terceira pessoa) ou inferencialmente (Siewierska, 2004).

Neste trabalho, consideramos que os pronomes pessoais são itens funcionais, ou seja, são representados por um feixe de traços morfossintáticos e não apresentam raiz<sup>9</sup>. Desse modo, o esperado é que pronomes não possuam nenhum conteúdo de significado enciclopédico; há apenas conteúdo semântico relacionado aos seus traços morfossintáticos. Existem, no entanto, abordagens que consideram que o pronome possui raiz. Heintz (2002), por exemplo, assume que há uma raiz PRONOUN sem informação fonológica, que tem sua realização definida a partir de suas relações de ligação estabelecidas ou não pelo pronome.

Levando em consideração que o pronome é composto apenas por um feixe de traços morfossintáticos, lidaremos no próximo capítulo com o traço de pessoa e sua interação com a sintaxe (no fenômeno de concordância e escolha de clíticos) e com a semântica.

---

<sup>9</sup> No entanto, seria interessante investigar o fato de que os pronomes pareçam ter partes que se comportam como raízes (*ele, ela*, por exemplo). Há pronomes que parecem passar por regras de alteamento da tônica nas versões neutras. Esse parece ser um reajuste que tipicamente ocorre em raiz (*esse/essa/isso, todo/toda/tudo*, por exemplo)

### 3 Traços de pessoa

Traços envolvidos em relações de concordância predicado-argumento são usualmente chamados de traços  $\phi$  (Harbour, Adger e Béjar, 2008). Um destes traços é [pessoa], que, seguindo a tradição gramatical, é comumente dividido em três categorias distintas, nomeadamente 1ª, 2ª e 3ª pessoas - [1], [2] e [3]. No entanto, autores como Ingram (1978), Hale (1973) e Silverstein (1976, 1986) apontaram para a possibilidade destes “rótulos” serem internamente complexos, compostos de traços mais básicos que se combinam para representar a primeira, segunda e terceira pessoas. Essa decomposição em traços foi proposto inicialmente por fonólogos, para identificar conjuntos de sons que compartilham algo, formam uma classe natural e podemos, portanto, nos referir apenas ao traço relevante em processos fonológicos. Veja o processo desvozeamento da consoante final, por exemplo, que ocorre com consoantes obstruintes vozeadas. Podemos usar os traços [vozeado] e [-soante] para identificar uma classe de consoantes que sofre o mesmo processo de desvozeamento. O mesmo pode ser proposto para traços de pessoa, já que podemos identificar classes naturais e, com isso, nos referir a fenômenos que ocorrem com um grupo e não com outro.

Cabe aqui mencionar alguns interessantes argumentos para diferentes inventários de traços de pessoa. Bobaljik (2008), como Ingram (1978), adota os traços ( $\pm$ )speaker and ( $\pm$ )hearer. Segundo o autor, incorporar os tradicionais três traços [1], [2] e [3] permite a expressão de um sistema de pessoa com sete contrastes. Apesar da possibilidade lógica deste sistema, certas distinções (como o contraste entre [2] e [2,3]), nunca são atestados morfologicamente:

(22) Sistema de pessoa com sete contrastes (não-atestado)

1+2 speaker(s) and hearer(s); no “others”

1+2+3 speaker(s), hearer(s), and other(s)

1 speaker(s) only

1+3 speaker(s) and other(s); hearer(s) excluded

2 hearer(s) only

2+3 hearer(s) and other(s)

3 other(s) only<sup>10</sup>

---

<sup>10</sup> Sistema de pessoa com sete contrastes (não-atestado)

1+2 falante(s) and ouvinte(s); sem “outros”

1+2+3 falante(s), ouvinte(s), e outro(s)

(Bobaljik, 2008)

Deste modo, um inventário com valores associados a cada pessoa gramatical sobregera, permitindo a expressão de distinções nunca atestadas. Um inventário contendo apenas [ $\pm$ speaker] and [ $\pm$ hearer] permite a expressão do máximo de contrastes já atestados em uma língua natural:

Quadro 3 - Possíveis combinações e inventário de traços de pessoa

a. Possível	b. Atestado	c. Binário
1+2	“inclusivo”	[+spk, +hr]
1+2+3		
1	“exclusivo”	[+spk, -hr]
1+3		
2	“segunda pessoa”	[-spk, +hr]
2+3		

Fonte: adaptado de Bobaljik (2008)

O inventário de traços de Noyer (1992) contém um traço a mais:  $\pm$ author,  $\pm$ hearer e  $\pm$ participant. O autor apresenta evidências de que [participant] é um traço morfológicamente ativo em pelo menos algumas línguas, demonstrando que há línguas que apresentam uma distinção entre [+participant] e [-participant], como é o caso das línguas Winnebago, Navajo e Lummi, em que há processos morfológicos que fazem referência a esse traço. Em Winnebago, por exemplo, há uma distinção apenas entre [+participant] e [-participant] nos pronomes pessoais:

- (23) a. nee 'I' or 'you'      [+participant]  
 b. ?ee 'he/she'          [-participant]

---

1 falante(s) apenas

1+3 falante(s) e outro(s); ouvinte(s) excluído

2 ouvinte(s) apenas

2+3 ouvinte(s) and outro(s)

3 outro(s)

Nessa língua, o sufixo de número [+augmented] é -wi para sujeitos em primeira e segunda pessoa, mas -ire para sujeitos em terceira pessoa. Para se referir a [1] e [2] simultaneamente, é necessário fazer referência ao traço [+participant]. Assim, a divisão morfológica ocorre entre as categorias [+participante] (-wi) e [-participante] (-ire).

Em Navajo, os pronomes plurais de primeira e segunda pessoa são homófonos:

- (24) a. nihi 'nós / vocês (pl.)'            independente  
       b. -nihi- 'nós / vocês (pl.)'        objeto clítico (sem tom)

Em Lummi, os sufixos de concordância acusativa para a primeira e segunda pessoa são homófonos. Em (25a) e (25b), o sufixo -onejs realiza a concordância com objeto da primeira pessoa do singular ou a concordância com objeto da segunda pessoa do singular:

- (25) a. t'em'-t-o6rjs=sx"  
       bater-CT-1SG ACC=2SG NOM  
       “Você me bateu”  
       b. t'an'-t-o\*ras = san  
       bater-CT-2sg ACC=1sg NOM  
       “Eu te bati”  
       c. t'om'-t-6irt = sx"  
       bater-CT-1pl ACC=2sg NOM  
       “Você nos bateu”

Pode ser observado que em (25c), uma outra forma () realiza uma concordância com a primeira pessoa do plural, de modo que Noyer (1992) propõe as realizações em (26) para sufixos de concordância acusativa. Veja que o traço [+participant] é o único necessário para identificar onəjs:

- (26) a. [+participante +I -sg] ↔ onət  
       b. [+participante] ↔ onəjs

Figura 6 - Combinações de traços de pessoa

<b>[±I]</b>	<b>[±you]</b>	<b>[±participant]</b>	<b>sets</b>	<b>name</b>
+	-	+	{1, (3) }	1st excl
+	+	+	{1, 2, (3) }	1st incl
-	+	+	{2, (3) }	2nd
-	-	-	{3}	3rd

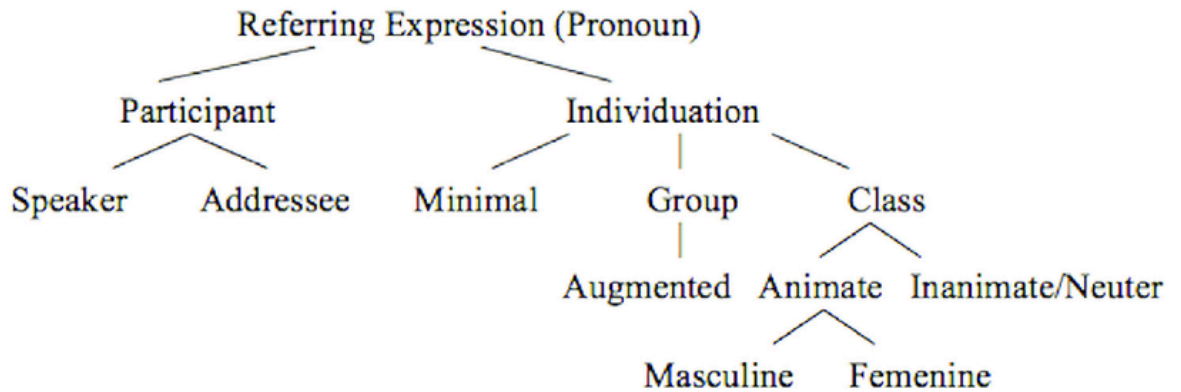
**Fonte:** Noyer (1992)

Halle (1997) utiliza os traços [± author] e [± participant] para expressar os contrastes entre pessoas. Apesar deste ser novamente um sistema com apenas dois traços binários, como em Bobaljik (2008), note que neste sistema, [author] pressupõe [participant] de modo que a primeira pessoa é expressa como [+author, +participant], a segunda como [-author, +participant] e a terceira como [-author, -participant]. Neste modelo, bem como nas propostas anteriores, não há um traço específico para terceira pessoa, mas vemos que nesta proposta também não há um traço específico que faça referência à segunda pessoa, como [± hearer]. Um problema que este modelo enfrenta é que, sem a referência à segunda pessoa, não é possível representar a oposição expressa em algumas línguas entre primeira pessoa inclusiva e exclusiva. Harbour (2006) e Nevins (2007) propõem o inventário [± author], [± participant] e possivelmente o traço monovalente [hearer]/[addressee] em algumas línguas (aquelas que possuem a primeira pessoa inclusiva, por exemplo).

Há ainda propostas para categoria de pessoa em que todos os traços são privativos/monovalentes (Harley and Ritter 2002, Béjar 2003, 2008 Cowper and Hall 2004, Rezac 2008). Harley e Ritter (2002), por exemplo, para lidar com a representação do traço de pessoa assumem a existência do traço monovalente [PARTICIPANT] que inclui Speaker e Addressee. As autoras se afastam da perspectiva tradicional propondo que os traços-φ estejam organizados hierarquicamente. Um sistema de traços não estruturados, de acordo com as autoras, pode sobregerar pronomes, ou seja, gerar pronomes que não são atestados em nenhuma língua natural, enquanto subgrupos estruturados, além de restringirem as possibilidades de pronomes, mostram a dependência entre certas características e outras. A primeira pessoa é representada pelo traço [PARTICIPANT] e Speaker. A segunda pessoa pelo traço [PARTICIPANT] e seu dependente Addressee. Já a terceira pessoa é representada pela ausência do nó [PARTICIPANT].



Figura 7 - Geometria de traços de um pronome



Fonte: Harley e Ritter (2002)

Nesta perspectiva, diferentemente de outros modelos vistos até o momento, não há um conjunto de traços de pessoa que represente a terceira pessoa (como [-author, -participant] ou [-speaker, -hearer]). Note mais uma vez que, apesar desta diferença crucial, nenhum dos modelos citados propõe um traço específico para terceira pessoa, como [ $\pm 3$ ]. Como Noyer (1992) explica “ a feature such as [ $\pm 3$ ] would be too powerful, since, other things being equal, we should expect a distinction between {2} and {2.3}, with the latter specifically demanding a third person.”<sup>11</sup> Como vimos, esta distinção entre {2} e {2,3} não é atestada. O sistema que escolhe não representar a terceira pessoa como um feixe de traços de pessoa, e sim com a ausência de traços, no entanto, enfrenta problemas para explicar o fenômeno de Person Case Constraint<sup>12</sup> (PCC) (como discutido por Nevins, 2007). No espanhol, por exemplo, um dativo de terceira pessoa e um clítico acusativo de terceira pessoa não podem coocorrer. O primeiro clítico muda sua forma, resultando na forma *se* no lugar de *le*.

(27) a. \*A Pedro, el premio le lo dieron.

b. A Pedro, el premio se lo dieron.

Nevins (2007) argumenta que esse fenômeno, chamado de *spurious se*, deve ser visto como uma regra de dissimilação que precisa fazer referência a traços que marquem a terceira pessoa:

<sup>11</sup> Um traço como [ $\pm 3$ ] seria muito poderoso, pois, mantendo outras coisas iguais, deveríamos esperar uma distinção entre {2} e {2.3}, sendo que este último especificamente demanda uma terceira pessoa.

<sup>12</sup> Restrição de Pessoa Caso

(28) Exclua/altere os traços correspondentes à terceira pessoa em um dativo quando precede outro clítico de terceira pessoa.

De toda forma, podemos notar que para muitos autores parece existir uma divisão entre a primeira e segunda pessoas e a terceira pessoa. As formas de primeira e segunda pessoas são entendidas como expressões inerentemente indexicais, dêiticas, ou seja, sua interpretação depende do que varia de acordo com o contexto extralinguístico em que ocorrem. Na próxima seção, veremos como o traço de pessoa interage com a semântica do pronome.

### 3.1 A interpretação de pronomes

#### 3.1.1 O papel dos traços $\phi$

Os pronomes são considerados, na semântica formal, variáveis, ou seja, “um termo cuja denotação não é lexicalmente fixa, mas varia segundo uma atribuição de valores que lhe é feita, seja por uma função contextual, seja por sua ligação a um operador. Neste sentido como se pode ver, todos os pronomes são variáveis, pois sua interpretação é determinada ou pelo contexto linguístico e extralinguístico, ou por sua dependência em relação a antecedentes” (Muller, 2003)

Tanto a primeira e segunda pessoas quanto a terceira pessoa introduzem uma variável. Os traços do pronome de primeira pessoa, por exemplo, pressupõe (no sentido de Heim e Kratzer (1998)) que a variável refere-se ao falante. Seguindo Heim and Kratzer (1998), em LF pronomes possuiriam índices numéricos que são mapeados para valores semânticos por uma regra (29).

(29) Pronouns and traces rule: If  $\alpha$  is a pronoun or trace,  $i$  is an index, and  $g$  is a variable assignment whose domain includes  $i$ , then  $[[\alpha_i]]^g = g(i)$ <sup>13</sup>

(Heim e Kratzer 1998)

Assim, para pronomes livres (os pronomes referenciais), a atribuição é dada pelo próprio contexto de enunciação. Então qual seria a contribuição dos traços de pessoa para a

---

<sup>13</sup>Regra de pronomes e vestígios: Se  $\alpha$  é um pronome ou vestígio,  $i$  é um índice, e  $g$  é um assinalamento cujo domínio inclui  $i$ , então  $[[\alpha_i]]^g = g(i)$ .

semântica do pronome? Os traços phi de forma geral denotam *partial identity functions* (função de identidade parcial), introduzindo pressuposições como em (30):

- (30) a.  $[[ [\text{fem} ] ] ]^{\text{g,c}} = \lambda x: x \text{ is female. } x$   
 b.  $[[ [1\text{st} ] ] ]^{\text{g,c}} = \lambda x: x \text{ includes the speaker in c. } x$   
 c.  $[[ [3\text{rd} ] ] ]^{\text{g,c}} = \lambda x: x \text{ excludes speaker in c and hearer in c. } x^{14}$

(Kratzer, 2009)

Dessa forma, a princípio, a pergunta inicial desta seção parece simples: [1], [Speaker] ou [+author,+participant], por exemplo, necessariamente pressuporia a primeira pessoa do discurso, o falante, de modo que a primeira e a segunda pessoas seriam sempre indexicais (referente dependente do contexto de enunciação). No entanto, algumas ocorrências dos pronomes de primeira e segunda pessoas nos levam a questionar se este é sempre o caso (Partee, 1989; Déchaine e Wiltschko, 2002; Anand e Nevins 2004; Heim, 2008; Kratzer, 2009; Malamud, 2006, 2012; Collins e Postal; 2012).

Vejam os casos de *bound variables* (variáveis ligadas). Déchaine & Wiltschko (2002) inicialmente afirmam que apenas a terceira pessoa poderia funcionar como uma variável ligada.

- (31) a. Every man put a screen in front of *him*  
 “Todo homem colocou uma tela na frente dele”  
 b. No child will admit that *he* is sleepy  
 “Nenhuma criança vai admitir que ela está com sono”

(Partee, 1978)

*Bound variable* é o termo usado para nos referirmos a pronomes em contextos nos quais estes funcionam como como uma variável lógica, ou seja, seu valor varia dependendo do DP quantificador antecedente. Por exemplo, se em (27a) “every man” engloba João e Pedro, na leitura de *bound variable* é necessário que cada substituição do pronome por uma

---

<sup>14</sup> a.  $[[ [\text{fem} ] ] ]^{\text{g,c}} = \lambda x: x \text{ é feminino. } x$

b.  $[[ [1\text{st} ] ] ]^{\text{g,c}} = \lambda x: x \text{ inclui o falante em c. } x$

c.  $[[ [3\text{rd} ] ] ]^{\text{g,c}} = \lambda x: x \text{ exclui o falante e ouvinte em c. } x$

constante resulte em uma proposição verdadeira (João colocou uma tela na frente de si mesmo e Pedro colocou uma tela na frente de si mesmo). Em (27b) isso também pode ser observado: quando o *he* é entendido como vinculado à expressão nominal "no child", nota-se que o *he* não se refere a um único indivíduo específico.

Contra Dechaine & Wiltschko (2002), Rullman (2004) aponta que a primeira e segunda pessoas também podem ser variáveis ligadas, apontando como exemplo a sentença em (32a), na qual a segunda ocorrência da primeira pessoa pode ter leitura de variável ligada. A primeira e segunda pessoas neste uso são chamadas de *fake indexicals* (indexicais falsos). Apesar de serem especificados por seus traços como pronomes de primeira e segunda pessoas, os traços  $\phi$  parecem ser ignorados pela interpretação:

- (32) a. Only I got a question that [I] understood (nobody else did)  
 = (i)  $\lambda x$  [x got a question that ySPEAKER understood] (...nobody else got a question that I understood)  
 = (ii)  $\lambda x$  [x got a question that x understood (...nobody else got a question that they understood)
- b. Only you did your homework (nobody else did)  
 = (i)  $\lambda x$  [x did y ADDRESSEE's homework](...nobody else did your homework)  
 = (ii)  $\lambda x$  [x did x's homework](...nobody else did their homework)<sup>15</sup>

(DÉCHAINED; WILTSCHKO, 2015)

Em (32), o segundo *I* e *your* apresentam duas possíveis leituras - uma sendo um indexical e em outra como *bound variable*. Na primeira leitura de (32a), o falante é o único que compreende a pergunta, e presume-se que todas as outras perguntas não foram compreendidas pelo falante. Na segunda leitura, a única pessoa a compreender a pergunta recebida é o falante, enquanto outras pessoas não compreenderam a pergunta que receberam. Em (32b), temos, na leitura indexical, que apenas o ouvinte fez seu dever de casa sozinho,

<sup>15</sup> a. Apenas eu fiz uma pergunta que [eu] entendi (ninguém mais entendeu)  
 = (i)  $\lambda x$  [x fez uma pergunta que yFALANTE entendeu] (...ninguém mais fez uma pergunta que eu entendi)  
 = (ii)  $\lambda x$  [x fez uma pergunta que x entendeu] (...ninguém mais fez uma pergunta que eles entenderam)

b. Apenas você fez sua lição de casa (ninguém mais fez)  
 = (i)  $\lambda x$  [x fez a lição de casa de yDESTINATÁRIO] (...ninguém mais fez a sua lição de casa)  
 = (ii)  $\lambda x$  [x fez a sua lição de casa] (...ninguém mais fez a lição de casa deles)

ninguém mais fez o dever de casa dele. Na leitura de variável ligada, temos que apenas ouvinte fez seu dever de casa e nenhuma outra pessoa fez seus próprios deveres de casa.

Outro uso que nos leva a questionar como se dá a interpretação de pronomes em LF são os casos de *shifted indexicals*. A primeira e segunda pessoas são, segundo Kaplan (1989), sempre referenciais/indexicais, ou seja, dependemos do contexto extralinguístico para determinar os referentes. Kaplan propõe que não há operadores que modifiquem o contexto de avaliação de um pronome indexical. Os operadores que podem mudar o contexto de avaliação dos indexicais são chamados por Kaplan (1989) de operadores monstros e são considerados inexistentes em línguas naturais pelo autor. No entanto, existem línguas que mostram o contrário:

(33) a. Hrsenij (mik-ra) va h· nj/k drwletia

Hesen.OBL (I.OBL-tO) said that I rich.be-PRES

' Hesen said that {I am, Hesen is} rich.<sup>16</sup>

b. Hrsenij (Alik-ra) va h tij/k drwletia

Hesen.OBL (Ali.OBL-tO) said that you rich.be-pRES

'Hesen said that {Ali is, you are} rich<sup>17</sup>

(Anand & Nevins 2004)

Na primeira leitura, observa-se que o pronome de primeira pessoa se comporta de forma esperada ao se referir ao locutor do contexto de enunciação. Na segunda leitura, a referência não é ao falante do contexto da enunciação; o referente é escolhido no contexto do discurso indireto. Anand & Nevins (2004) propõem, portanto, que a mudança indexical é causada por “operadores monstros” (pelo menos nestas duas línguas observadas):

(34) CONTEXT-SHIFTING OPERATORS

a. Zazaki:  $[[OP \text{ all } [a]]]^{c,i} = [[a]]^{i,i}$

b. Slave:  $[[OP \text{ AUTH}[a]]]^{<Ac,...>,i} = [[a]]^{<Ai,...>,i}$

Um terceiro fenômeno que cabe ser mencionado ao tratarmos dos traços de pessoas são DPs de terceira pessoa gramatical interpretados como a primeira ou segunda pessoa semântica. Esse tipo de DP é chamado de impostor por Collins e Postal (2012). O interessante

<sup>16</sup> Hesen disse que {eu sou, Hesen é} rico

<sup>17</sup> Hesen disse que {Ali é, você é} rico

de observarmos é que não apenas a semântica é afetada - duas formas pronominais são possíveis como anáfora do mesmo DP como pode ser observado nas sentenças em (31). Collins e Postal (2012) lidam com essa questão apresentando uma sintaxe mais elaborada para a estrutura de DPs impostores (ver subseção 3.2.4).

(35) a. In this reply, the present authors (= the writers of the reply) attempt to defend ourselves/themselves against the scurrilous charges which have been made.

b. Your Majesty should praise *yourself/herself*.

c. Every one of us thinks *we/they* are a genius.

d. I am a teacher who takes care of *myself/himself*.

e. Would *Your/Her* (= addressee) Majesty like her tea on the veranda?

f. This reporter (= speaker) and his son are proud of *ourselves/ themselves*

(Collins e Postal, 2012)

Temos, ainda, o caso dos pronomes impessoais de primeira e segunda pessoas, em que o pronome não possui um referente específico, referindo-se a pessoas no geral como em (36).

(36) Você sempre deve usar protetor solar ao sair de casa

Ao tratar do uso da segunda pessoa do singular, como *você* em PB, é necessário considerar tanto o uso referencial que aponta para o interlocutor quanto o uso impessoal, que leva a uma generalização que não se aplica apenas ao destinatário, mas a qualquer pessoa, o que dificulta o tratamento dos traços  $\phi$ . Assim, o uso impessoal de pronomes pessoais se coloca como um problema à ideia de que os traços de pessoa introduzem uma pressuposição, ou seja, que o traço de segunda pessoa, por exemplo, pressupõe a referência ao interlocutor. Se este traço pressupõe o ouvinte, não esperaríamos essa referência a “qualquer/toda pessoa”. Parece ser necessário considerar que: (i) haja algum mecanismo que sobrescreva ou manipule esse traço de pessoa ou (ii) a semântica do pronome não seja  $[[ [1st] ]]$ <sup>g.c</sup> =  $\lambda x$ : x inclui o falante em c.  $x/ [[ [2st] ]]$ <sup>g.c</sup> =  $\lambda x$ : x inclui o ouvinte em c.  $x$ . Veremos propostas que trabalham uma ou ambas dessas alternativas.

Por fim, a própria incongruência entre a semântica do pronome *você* e seu comportamento morfossintático seriam um problema nessa visão; afinal, se *você* tem traços de terceira pessoa, devemos nos perguntar como estes traços de terceira pessoa não introduziriam uma pressuposição que impede a leitura de *você* como ouvinte.

### 3.1.2 Formas de terceira pessoa com referência de segunda pessoa

O PB não é a única língua que apresenta essa incompatibilidade semântica-morfossintática na segunda pessoa. Há nomes e formas de tratamento que, após um processo de reanálise sintática, tornaram-se pronomes pessoais. No entanto, a concordância ainda reflete aquela original, de terceira pessoa. Podemos ver exemplos disso no português brasileiro no pronome *você* que se originou de *Vossa Mercê*, mas também em espanhol com *Vuestra Merced* passando a *usted*; no polonês, *Pan/Pani*, forma polida de se referir ao interlocutor, originou-se da expressão "*wasza miłośc, mój miłosierny Pan*" - 'Sua misericórdia, meu senhor misericordioso!'; e no holandês "*Uwe Edelheid*" ('sua nobreza') deu origem à forma polida de segunda pessoa "*U*" (Siewierska, 2004).

Na próxima seção, observaremos mais a fundo os reflexos morfossintáticos do pronome *você* e as problemáticas que surgem ao lidarmos com um pronome se segunda pessoa que aparenta ter traços de terceira pessoa.

## 3.2 Concordância e clíticos de segunda pessoa

Há traços que são inerentes aos nós terminais, como o traço [presente] em T, e aqueles que são adquiridos durante o processo de derivação sintática. Essa distinção se fundamenta na concepção da sintaxe minimalista de traços que precisam ser valorados, traços não interpretáveis<sup>18</sup> (indicadas por um "u") pela operação *Agree* (concordar). Um núcleo com traços não valorados é a sonda (*probe*), enquanto aquele com os traços interpretáveis equivalentes é chamado de alvo (*goal*). A sonda precisa valorar seus traços  $\phi$  e para isso precisa estar c-comandando um alvo que possui versão interpretável desses traços.

Assim, por exemplo, o nó terminal realizado por "o" em "eu canto" possui a seguinte estrutura antes da derivação: [presente, uP, uN]. O nó T na sintaxe, sondará e copiará os valores [1, sg] de um alvo c-comandado por ele, no caso, o sujeito, localizado abaixo de T e posteriormente movido para posição de especificador de TP.

Idealmente, como vimos na seção 3.1, esperaríamos que os traços formais de pessoa fossem condizentes com a pessoa semântica (o interlocutor), ou seja, que *você* tivesse traços

---

<sup>18</sup> Apesar de Chomsky (2001) argumentar que todos e apenas os traços não interpretáveis são traços não valorados ("A feature F is uninterpretable iff F is unvalued"), há análises que não consideram que a correlação entre valoração e interpretabilidade seja necessária ().

de segunda pessoa, pois é assim interpretado. No entanto, a concordância verbal conta uma história diferente:

- (37) [TP T [<sub>φ: \_</sub>] [vP Você [<sub>φ:3, sg; Case:\_</sub>] [v-ama [VP [V Ana]]]]]]  
 [TP T [<sub>φ: 3, sg</sub>] [vP Você [<sub>φ:3, sg; Case:Nom</sub>] [v-ama [VP [V Ana]]]]]]

O pronome *você*, no que diz respeito aos seus traços formais, parece especificado para terceira pessoa do singular, enquanto discursivamente refere-se à segunda pessoa do singular.

Veremos nas subseções abaixo algumas propostas que buscam resolver problemas similares.

### 3.2.1 Menuzzi (1999, 2004)

Menuzzi (1999, 2004), partindo de um problema similar, assume que *a gente* apresenta a especificação gramatical [P:3; N:Singular], dado que observamos a partir da concordância sujeito-verbo e na relação local com o reflexivo *se*, como pode ser observado em (38). O autor utiliza a Teoria da Otimalidade com a noção de (violação de) restrições para entender como a escolha da clítico ocorre.

- (38) a. A gente gosta de você.  
 b. A gente se viu na TV.  
 c. \*A gente nos viu na TV.  
 e. Nós nos vimos na TV.  
 d. A gente disse que ele nos viu na TV.

Nesta perspectiva, *a gente* possuiria traços gramaticais de terceira pessoa, mas traços semântico-discursivos de primeira pessoa do plural, o que o autor considera ser uma violação (aceitável, uma vez que o resultado é gramatical) de Compatibilidade semântica (COMPSEM):

- (39) Compatibilidade semântica (COMPSEM): um índice deve ser compatível com as especificações lexicais do NP ao qual é atribuído.



Sobre o clítico *nos*, percebe-se que este causa agramaticalidade em (38c), mas é permitido em (38d). Assim, o autor explica que *nos* só poderia ser utilizado anaforicamente com *a gente* com certa “distância sintática.” Menuzzi (2004) explica que, por haver mais barreiras entre os pronomes, não temos uma cadeia primitiva, mas uma cadeia por analogia. Cadeias por analogia seriam relações de dependência que são próximas do formato de cadeias primitivas. Uma cadeia primitiva deve obedecer o seguinte critério:

(40)  $C : (\alpha_1, \dots, \alpha_j)$  is a chain iff  $C$  is the maximal sequence such that:

(a) there is an index  $i$  such that for all  $\alpha_j$ ,  $1 \leq j \leq n$ ,  $\alpha_j$  carries  $i$ , and

(b) all  $\alpha_j$ ,  $1 \leq j \leq n$ , is such that  $\alpha_j$  c-commands  $\alpha_{j+1}$ , and

(c) [LOCAL-CHAIN:] there is no  $\gamma$  that is a barrier for  $\alpha_{j+1}$  and excludes  $\alpha_j$ .<sup>19</sup>

(Menuzzi, 1999: 212)

Assim, dois DPs coindexados formarão uma cadeia se e somente se não houver nenhuma barreira interveniente. Menuzzi (1999) propõe que esse seja um requisito de localidade nas cadeias: [LOCAL-CHAIN]. Para o autor, uma relação de dependência que cruza uma barreira se assemelha mais a uma cadeia do que uma dependência cruzando duas (feriu duas vezes o requisito de localidade). Desse modo, quanto mais local for a dependência anafórica, mais próxima estará do formato de cadeia.

A condição de compatibilidade de cadeia não é uma condição que atua de forma absoluta, podendo ser violada quando não temos uma cadeia “ideal”, ou seja, uma cadeia que fere o requisito de localidade:

(41) Compatibilidade de cadeia (COMPCADEIA): Se (a,b) formam uma cadeia, então as especificações de traços de b devem ser compatíveis com as especificações de traços de a.

Essa condição é usada para explicar o motivo de somente *se* poder ser usado em contexto local, quando não há barreiras entre forma anafórica e antecedente, e porque *nos* só é aceitável em domínio não local. Para o autor, a distância sintática, ou seja, a existência de barreiras entre o clítico e o pronome torna a violação de COMPCADEIA aceitável. Note

---

<sup>19</sup>  $C : (\alpha_1, \dots, \alpha_j)$  é uma cadeia se e somente se  $C$  for a sequência maximal tal que:

(a) existe um índice  $i$  tal que para todos os  $\alpha_j$ ,  $1 \leq j \leq n$ ,  $\alpha_j$  carrega  $i$ , e

(b) todos os  $\alpha_j$ ,  $1 \leq j \leq n$ , são tais que  $\alpha_j$  c-comanda  $\alpha_{j+1}$ , e

(c) [CADEIA-LOCAL:] não há  $\gamma$  que seja uma barreira para  $\alpha_{j+1}$  e exclua  $\alpha_j$ .

ainda que se só pode ser usado em contexto local porque é sempre interpretado como um reflexivo, ou seja, deve estar sempre ligada localmente (segundo o princípio A da teoria de ligação).

O mesmo deveria valer para *você*, que, no domínio local, seleciona o reflexivo de terceira pessoa e concorda verbalmente com a terceira pessoa do singular, enquanto seleciona *te* quando há “distância sintática” com o pronome *você*:

- (42) a. Você gosta de mim.  
 b. Você se viu no espelho.  
 c. \*Você te viu no espelho.  
 d. Você disse que ele te viu no espelho.

Por outro lado, com o aparato teórico da MD, podemos propor que *você* apresenta traços formais de segunda pessoa, não terceira pessoa, e tanto a terminação verbal de terceira pessoa do singular, quanto o reflexivo *se* são, na realidade, subespecificados para pessoa. Isto explicaria porque as construções (42a) e (42b) são gramaticais. Assim, o aparente problema de concordância verbal e a violação de COMPSEM e COMPCADEIA seriam resolvidos se considerarmos que *você* é inserido em um nó especificado para segunda pessoa e o IV correspondente à conjugação verbal de “terceira pessoa” é subespecificada para [pessoa]. Não havendo especificação de pessoa no IV, esta conjugação pode ser inserida em nós diferentes (de flexão da segunda e terceira pessoas) sem *crash* (falha) na derivação.

No entanto, este só poderia ser o caso em dialetos que não apresentam marcação morfofonológica de segunda pessoa, como o dialeto carioca, de modo que podemos propor a existência de duas conjugações sincréticas devido à subespecificação. Em dialetos como o de Florianópolis não seria possível dar somente essa explicação para afirmar que *você* possui traços de segunda pessoa, uma vez que se este fosse o caso, deveríamos ver no dialeto de Florianópolis um uso que não atestado em nenhuma variedade - o *você* com realização da concordância verbal da segunda pessoa, como em (43b):

- (43) a. Você gosta dele (Rio de Janeiro, Florianópolis)  
 b. \*Você gostas dele  
 c. Tu gosta dele (Rio de Janeiro, Florianópolis)  
 d. Tu gostas dele (Florianópolis)

Em uma análise em que o pronome e o nó de concordância apresentam traços morfossintáticos de segunda pessoa, também precisaríamos explicar por que *te* não pode ser usado como reflexivo, uma vez que é mais especificado que *se* para pessoa. Neste caso, o que determinaria se *te* ou *se* é selecionado seria uma restrição de localidade, que poderia ser refletida em algum traço - *se* e *te* poderiam estar especificados, respectivamente, pelos traços [+anafórico, -pronominal] e [-anafórico,+pronominal], por exemplo, de modo que somente *se* pode ser inserido em contextos locais.

- (44) a. Você disse que se viu no espelho.  
 b. \*Você disse que te viu no espelho.  
 c. Você se viu no espelho.  
 d. \*Você te viu no espelho.  
 e. Você disse que ele te viu no espelho.

Enquanto isso seria de certa forma plausível se analisássemos apenas dialetos como o do Rio de Janeiro, essa novamente não é uma análise que pode ser estendida para dialetos nos quais *tu* ocorre com a marcação morfofonológica de segunda pessoa, como pode ser visto em (45), já que *te* é usado como reflexivo. Esse fato parece apontar para a seguinte conclusão: o motivo de *te* não poder ser utilizado como reflexivo em dialetos como o do Rio de Janeiro não diz respeito a restrições de localidade, mas ao fato de que o pronome *você* não possui especificação de segunda pessoa (veremos uma alternativa que envolve a operação de empobrecimento na subseção 3.2.3).

- (45) Tu te viste no espelho

Cabe fazer uma observação final: atualmente, podemos lidar com esta problemática dos clíticos sem precisar propor uma condição sobre cadeias para justificar o fato do reflexivo se comportar diferentemente de um clítico em relação não local. Alguns autores reinterpretam a Teoria de Ligação a partir de elementos mais básicos e essenciais, como *Move*, *Merge* ou *Agree* (Kayne, 2002; Zwat, 2002; Reuland, 2005). Assim, podemos entender a relação do pronome com o reflexivo, o princípio A, como uma relação de *Agree*, o que não ocorreria em relações não locais, portanto explicando a diferença no comportamento dos clíticos. Desse modo, a ligação anafórica é entendida com base no compartilhamento de traços phi, ou seja, a operação *Agree* estabelece relações de dependência anafórica. Reuland (2005) aponta que

após valorar os traços da anáfora de tipo SE, as "instruções para interpretação" da anáfora são as mesmas que para os traços argumento externo, implicando que essa dependência será interpretada como uma relação de ligação. Como o clítico *te* possui traços de segunda pessoa, mas *você* não, não é possível usar *te* como reflexivo.

### 3.2.2 Martins & Nunes (2021)

Na proposta desses autores, o *mismatch* entre semântica e morfossintaxe ocorre por conta da interação entre a subespecificação morfológica e a concordância *default*. Seguindo o que prevê a Condição *Elsewhere*<sup>20</sup>, regras mais restritas têm prioridade de aplicação em relação às regras menos específicas, enquanto a regra mais geral é aplicada nos casos em que nenhuma regra restrita se aplica. A concordância *default* seria o caso mais geral, em que nenhuma outra realização fonológica mais específica para concordância pode ser aplicada.

Ao lidar com casos como *a gente vamos*, ou seja, do pronome concordando com a primeira pessoa do plural, os autores explicam que isso só é possível por conta da subespecificação total do pronome. Como *a gente* não possui um valor morfológico para pessoa ou número, a concordância pode ser induzida por traços semânticos (*a gente vamos*), decorrente da completa subespecificação dos traços  $\phi$ , ou pela concordância morfológica *default* (*a gente vai*). Quanto à interpretação do pronome, a ausência de traços  $\phi$  seria uma boa maneira de explicar porque a segunda pessoa não é barrada pela pressuposição que os traços de terceira pessoa introduziriam; ainda assim, seria necessário repensar a maneira como o pronome é interpretado (ver capítulo 5).

<sup>20</sup> Essa condição foi proposta por Kiparsky (1973) para dar conta da ordenação disjuntiva (mutuamente exclusivas na mesma derivação) de regras fonológicas. Um exemplo que Kiparsky apresenta é o caso do acento em verbos no inglês.

(i)  $V \rightarrow [1 \text{ stress}] / \_ C_0 \check{V} C_0^1 \#$

(ii)  $V \rightarrow [1 \text{ stress}] / \_ C_0 \#$

Temos a seguinte condição para determinar se a ordenação é disjuntiva:

Duas regras adjacentes da forma

$A \rightarrow B/P \_ Q$

$C \rightarrow D/R \_ S$

são disjuntivamente ordenadas se e somente se

(a) o conjunto de sentenças que entram em PAQ é um subconjunto do conjunto de sequências que entra em RCS e

(b) as mudanças estruturais das duas regras são ou idênticas ou incompatíveis

(Kiparsky, 1993, p.94)

A condição implica que a regra mais específica tem precedência sobre a geral. As regras para o acento mostradas são disjuntivamente ordenadas porque qualquer input sujeito a (i) também está sujeito a (ii).

A condição Elsewhere também foi levada para o campo da morfologia e podemos propor para as regras de inserção dos expoentes fonológicos nos nós terminais.

Quadro 4 - Especificação morfológica e semântica dos pronomes pessoais nominativos

Nominative pronouns	Person and number		
	Semantic specification	Morphological specification EP	Morphological specification BP
<i>eu</i>	[P:1; N:SG]	[P/N:1.SG]	[P/N:SG]
<i>você</i>	[P:2; N:SG]	[P:2; N:SG]	[P; N]
<i>ele, ela</i>	[P:3; N:SG]	[P:3; N:SG]	[P; N]
<i>nós</i>	[P:1; N:PL]	[P/N:1.PL]	[P/N:1]
<i>a gente</i>	[P:1; N:PL]	[P/N]	[P/N]
<i>vocês</i>	[P:2; N:PL]	[P:2; N:PL]	[P; N:PL]
<i>eles, elas</i>	[P:3; N:PL]	[P:3; N:PL]	[P; N:PL]

Fonte: Martins e Nunes (2021)

Figura 8 - Fonologia associada aos traços de pessoa e número

BP	
a.	[P:1] ↔ {-mos}; [N:PL] ↔ {-m}
b.	[N:SG] → {-o} / INDIC.PRES ____ → {-i} / INDIC.PERF.PAST ____
c.	∅ elsewhere.

Fonte: Martins e Nunes (2021)

Na Morfologia Distribuída, essa ideia poderia ser capturada com traços monovalentes, que podem estar ausentes ou presentes no nó terminal. O PB utiliza os traços [1] e [2] e a terceira pessoa, diferentemente do que ocorre no português de Portugal, na verdade é representada pela ausência de traços. *Ele, ela* e *você* não competem por inserção, porque *ele* e *ela* são especificados para gênero diferentemente de *você*. No entanto, retomando Heim & Kratzer (1998), é interessante pensar que apesar de não haver um traço de pessoa que force a leitura de segunda pessoa (ou seja, que restrinja o domínio no qual o índice numérico do pronome será mapeado), este pronome apresenta a leitura de ouvinte e nunca de um não-participante. Novamente, teríamos de nos perguntar, nesse caso, qual seria, então, o papel dos traços de pessoa na interpretação do pronome.

Um possível problema é que essa análise não explica porque nunca vemos o *você* fazer a concordância com traços semântica, como ocorre com *a gente* em "*a gente vamos*". Em dialetos que apresentam a morfologia de segunda pessoa, esperaríamos que *você* pudesse realizar essa concordância semântica já que é subespecificado para pessoa e número. Fatores extralinguísticos podem estar envolvidos na solução deste problema. Como apontam Martins & Nunes (2021), o pronome *tu* usado com concordância verbal de segunda pessoa é restrito no Brasil e usualmente em registros formais. Poderíamos pensar, assim, que a morfologia da concordância de segunda pessoa não é tão natural e faz parte da gramática periférica do falante. Nas variedades em que *tu* apresenta essa concordância com a segunda pessoa, os autores propõem que *tu* seria morfologicamente especificado como [P/N:2], dessa maneira diferenciando *tu* de *você*.

### 3.2.3 Harris (1998), Embick (2015), Arregi e Nevins (2018)

Uma alternativa na análise de traços de *você* seria considerar que o pronome possui traços de segunda pessoa, e não de terceira. Vejamos como isso poderia ser feito a partir da proposta de Harris (1998), também apresentada em Embick (2015), sobre o uso de *ustedes* no espanhol da América Latina. Abaixo, podemos observar os nós terminais e os IVs da concordância pessoa/número:

#### (46) Morfemas de concordância

- a. [+1,-2,-pl] = '1st person singular' (primeira pessoa do singular)
- b. [-1,+2,-pl] = '2nd person singular' (segunda pessoa do singular)
- c. [-1,-2,-pl] = '3rd person singular' (terceira pessoa do singular)
- d. [+1,-2,+pl] = '1st person plural' (primeira pessoa do plural)
- e. [-1,+2,+pl] = '2nd person plural' (segunda pessoa do plural)
- f. [-1,-2,+pl] = '3rd person plural' (terceira pessoa do plural)

(Embick, 2015)

Poderíamos propor que não há Item de Vocabulário que se refira a [-1,+2,+pl] ou [-1,-2,+pl], de modo que o item mais específico seria [-1,+pl]:

#### (47) Itens de vocabulário para concordância

[+1,-2,+pl] ↔ -mos

[+1,-2,-pl] ↔ -o

$[-1,+2,-pl] \leftrightarrow -s$

$[-1,-2,-pl] \leftrightarrow -\emptyset$

$[-1,+pl] \leftrightarrow -n$

(Embick, 2015)

No entanto, o sincretismo da segunda e terceira pessoas do plural no espanhol da América Latina é tão geral (ocorrendo com clíticos, concordância e em todos os tempos e modos verbais), que a subespecificação por si só não parece dar conta dessa generalização. Assim, para explicar esse padrão de sincretismo, Harris (1998) postula uma regra de empobrecimento (48), repetida em (49) como apresentada em Embick (2015). Em (50), apresento novamente uma regra de empobrecimento para o traço de segunda pessoa do plural conforme apresentada em Arregi e Nevins (2018):

(48) Empobrecimento da segunda pessoa (somente espanhol da América Latina)

[2pers, plur]

|

$\emptyset$

(Harris, 1998)

(49) Regra de empobrecimento para o espanhol da América Latina

$[\pm 2] \rightarrow \emptyset / [ \_ , +pl ]$

(Embick, 2015)

(50) Empobrecimento da 2Pl

a. SD: [+participant, -author, -singular]

b. SC: [+participant]  $\rightarrow$  [- participant]

(Arregi e Nevins, 2018)

Essa regra elimina o traço de segunda pessoa no contexto plural em Harris (1998) e Embick (2015), de modo que este nó não apresenta traços de pessoa. Os itens de vocabulário inseridos em nós sem esse traço de pessoa serão itens default. A regra em (48) e (49) torna tanto o morfema segunda pessoa em  $[-1,+pl]$ , de modo que fica com a mesma especificação da terceira pessoa. Assim, não é possível fazer referência aos traços, o que resulta em formas de segunda e terceira pessoa sempre serem idênticas no contexto plural. A regra em (50)

altera o valor positivo do traço [participant] para negativo, tornando os morfemas de segunda e terceira pessoa idênticos.

Se adotarmos esta explicação para o PB, restaria explicar o porquê de *você* (singular), também concordar com a terceira pessoa. No português falado no Rio de Janeiro, não seria um problema propor que no contexto [+sg] a segunda pessoa também sofre empobrecimento. No entanto, ficaríamos sem uma explicação para dialetos em que o *tu* apresenta concordância com a segunda pessoa, ou seja, dialetos em que parece que a regra de empobrecimento seleciona apenas os traços de segunda pessoa do *você* (a regra precisaria estar ligada a outro traço, portanto; traço este que diferencie *você* de *tu* como veremos logo abaixo).

Em espanhol, há ainda outra camada a se considerar que soluciona essa questão: o uso de *usted* está relacionado ao nível de formalidade que deseja se estabelecer na relação com o interlocutor. Assim, Arregi e Nevins (2018) propõem que a segunda pessoa [+formal] sofra um empobrecimento, seguindo a regra (51). Desse modo, *tú* seguiria com a concordância verbal de segunda pessoa e clíticos de segunda pessoa, enquanto *usted* apresentaria concordância com terceira pessoa e clíticos de terceira pessoa.

(51) Empobrecimento formal

a. SD: [+participant, -author, +formal]

b. SC: [+participant] → [-participant]

(Arregi e Nevins, 2018)

Essa análise, no entanto, pode ser problemática no PB, em que não há uma divisão tão clara de formalidade entre *tu* e *você* em muitas regiões. Em dialetos como o de Santa Catarina, por exemplo, *você* é mais formal, *tu* com concordância com a terceira pessoa mais informal, mas *tu* com concordância de segunda pessoa é mais formal. Além disso, pode ser problemático em dialetos onde não há distinção de formalidade entre *tu* e *você* ou em dialetos em que o *tu* é informal e *você* é “neutro”, podendo ser usado tanto em situações mais informais ou formais. Por fim, apesar dessa proposta, se adotada para o PB, explicar porque não usamos *te* como reflexivo, não fica explicado o porquê de podermos usar *te* em contextos não locais.

### 3.2.4 Collins e Postal (2012), Collins e Ordóñez (2020)



Há a possibilidade de analisar *you* como um impostor no sentido de Collins e Postal (2012) para explicar o *mismatch* da morfossintaxe com a semântica. Um impostor é um DP que é nocionalmente uma pessoa X e gramaticalmente Y, tal que  $X \neq Y$ . Usualmente, DPs como *this reporter* (esse repórter), *daddy* (papai) e *madam* (madame) são usados para fazer referência à terceira pessoa, mas há casos em que esses fazem referência ao falante ou ao ouvinte:

(52) a. At the time, CBS News and this reporter fully believed the documents were genuine. (*this reporter* se refere ao falante)

b. Daddy is going to get you an ice-cream cone (*daddy* se refere ao falante)

c. Madam should not try to deceive us (*madam* se refere ao ouvinte)<sup>21</sup>

(adaptado de Collins e Postal, 2012)

Uma estrutura apositiva do tipo (53a) é entendida como um precursor do impostor (53b):

(53) a. I, Nixon, am going to get even.

b. Nixon is going to get even. (dito por Nixon)<sup>22</sup>

(adaptado de Collins e Postal 2012)

Esses precursores terão um par de DPs nulos mais elevados na estrutura (AUTHOR antecedendo qualquer pronome de primeira pessoa e ADDRESSEE antecedendo qualquer pronome de segunda pessoa). Collins e Postal (2012) propõem que os impostores são deformações sintáticas de precursores.

Figura 9 - Formação de impostores a partir dos precursores

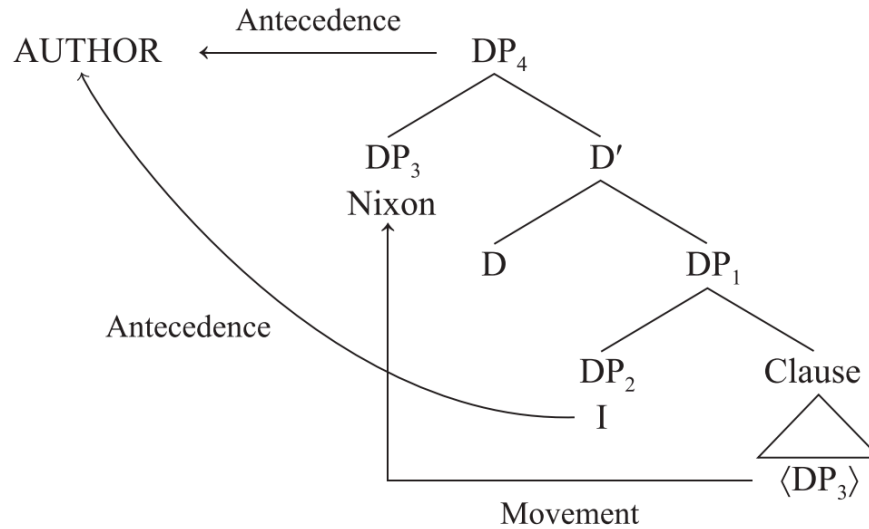
<sup>21</sup> a. Na época, a CBS News e este repórter acreditavam plenamente que os documentos eram autênticos.

b. Papai vai te comprar um sorvete.

c. A senhora não deveria tentar nos enganar.

<sup>22</sup> a. Eu, Nixon, vou me vingar/acertar as contas

b. Nixon vai se vingar/acertar as contas



**Fonte:** Collins e Postal (2012)

O DP<sub>3</sub> é alçado para uma posição mais alta do que o pronome fonologicamente nulo *I*. Na construção precursora, a concordância verbal é com o pronome *I*, como em (51a) e na construção do impostor, a concordância verbal é com o DP de terceira pessoa como em (51b). Assim, a diferença na ordem dos DPs explica a diferença na concordância - o DP que estiver mais alto na estrutura é aquele que controla a concordância verbal.

Além dos impostores, há os chamados DPs camuflagem. Nesses DPs, há um DP possessivo cuja especificação morfossintática de pessoa se alinha com o referente do DP, ou seja, o pronome possessivo e a referência semântica estão relacionados a mesma pessoa, diferentemente do caso de impostores. Em (54b) pode ser observado que *Your Lordship/Ladyship* (Vossa Senhoria) é um DP de terceira pessoa, mas denota o interlocutor e o possessivo também é de segunda pessoa. Em (54a), *my lord/lady* (meu senhor/ minha senhora) também se refere a segunda pessoa, mas o possessivo não tem especificação morfossintática de segunda pessoa.

- (54) a. Will my lord/lady be dining in the castle this evening?  
 b. Will Your Lordship/Ladyship be dining in the castle this evening?<sup>23</sup>

Nesta análise, podemos propor que *Vossa Mercê* é um DP camuflagem, já que apresenta um DP possessivo e a especificação gramatical desse possessivo e a referência semântica do DP inteiro são as mesmas (segunda pessoa) e *você* é um pronome impostor,

<sup>23</sup> a. Meu senhor/senhora jantará no castelo esta noite?  
 b. Vossa Senhoria jantará no castelo esta noite?

afinal ele se encaixa na definição de nocionalmente ser uma pessoa X e gramaticalmente uma Y, tal que  $X \neq Y$ . Collins e Ordóñez (2020) propõem justamente isso para o *usted* e o *Vuestra Merced* do espanhol, supondo que *Vuestra Merced* seja um DP camuflagem e o pronome *usted* e *ustedes* sejam impostores. Eles propõem a seguinte estrutura para o pronome *usted*:

(55) [<sub>DP</sub> D [TU *usted*]]

Assim, a estrutura de *usted* é diferente dos outros pronomes. A razão pela qual *usted* se refere ao ouvinte pode ser explicada pela presença do pronome nulo de segunda pessoa TU. A concordância verbal é de terceira pessoa do singular, por conta do núcleo *usted*.

Um dado interessante trazido pelos autores é que existem variedades do espanhol em que *usted* coordenado com um DP de terceira pessoa pode gerar tanto concordância com a segunda pessoa do plural quanto com a terceira pessoa do plural:

- (56) a. *Usted y Juan pensáis en vosotros mismos*  
 b. *Usted y Juan piensan en si mismos*<sup>24</sup>

Ao contrário do esperado, apesar de termos dois DPs de terceira pessoa, há dialetos em que a concordância pode ocorrer com a segunda pessoa. Isso ocorre também com outros DPs impostores, em que o pronome anafórico pode concordar não apenas com a terceira pessoa, mas também com a primeira ou segunda pessoa (a depender do antecedente):

- (57) a. *Jerome and Daddy are enjoying ourselves/themselves on the beach.*  
 b. *Do Madam and that official consider yourselves/themselves friends?*

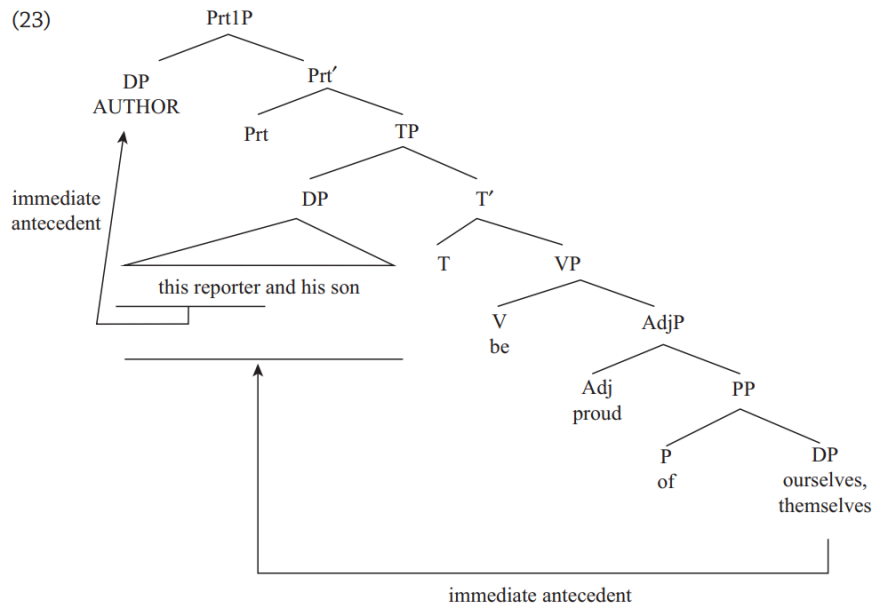
A concordância com a segunda pessoa e a primeira nesses exemplos estaria sendo feita com o antecedente ADDRESSEE e AUTHOR. Impostores são, portanto, DPs com estrutura complexa - possuem um núcleo de terceira pessoa que é antecedido por AUTHOR ou ADDRESSEE. Por essa razão, podem permitir concordância com a terceira pessoa ou não. Isso ocorreria somente nesse caso porque quando temos um sujeito coordenado, o traço de pessoa mais alto hierarquicamente (1>2>3) é que determinará essa concordância e o uso de clíticos:

---

<sup>24</sup> Você e Juan estão pensando em si mesmos

- (58) a. John and I saw ourselves in the mirror.  
 b. This reporter and his son were proud of ourselves/themselves<sup>25</sup>

Figura 10 - Concordância de *the reporter* com antecedente AUTHOR



Fonte: Collins e Postal (2020)

Arregi e Nevins (2018) apontam para a concordância variável de *ustedes* no espanhol da Andaluzia como possível evidência em favor da análise de *usted* como impostor.

- (59) a. Vosotros come-is  
 “Vocês comem (formal)”  
 b. Ustedes come-is.  
 “Vocês comem (concordância com segunda pessoa do plural)”  
 c. Ustedes come-n.  
 “Vocês comem (concordância com terceira pessoa do plural)”

No entanto, os autores rejeitam essa hipótese, já que ela não explica a falta de variabilidade na concordância de *ustedes* em outros dialetos, que sempre mostram concordância com a terceira pessoa. Segundo os autores, se a variabilidade é tomada como evidência para a análise do *ustedes* enquanto impostor no espanhol da Andaluzia, então a falta

<sup>25</sup>a. John e eu nos vimos no espelho

b. Esse repórter e seu filho estão orgulhosos de nós mesmos/si mesmos

de variabilidade na concordância em outros dialetos deveria ser uma evidência contrária a esta análise.

Arregi e Nevins (2018) ainda argumentam contra essa análise, baseados no fato de que é possível a ocorrência da concordância *-n* e reflexivo *se* com referência à segunda pessoa sem a presença do DP *usted*.

(60) a. Ustedes se va-n mañana

b. Se va-n mañana

Esse exemplo mostra que a referência à segunda pessoa pode ocorrer com a concordância com a terceira pessoa, mesmo quando o sujeito não está expresso, ou seja, quando temos *pro*. Desse modo, não precisaríamos de uma estrutura de DP impostor para justificar a possibilidade da leitura de segunda pessoa ou teríamos de propor que *pro* possuía essa estrutura mais complexa.

Na próxima subseção, veremos outra proposta que busca propor traços de segunda pessoa para pronomes de segunda pessoa que apresentam concordância com a terceira pessoa (no caso, o foco é em *Vossa Mercê*, mas o autor menciona brevemente o *você*).

### 3.2.5 Marcotulio (2012)

A tese desse autor se concentra no processo de mudança linguística de *Vossa Mercê*. Marcotulio (2012) aponta que havia dois padrões de concordância para a forma *Vossa Mercê*:

Padrão I: *Vossa Mercê* + 3 SG

(61) a. *Vossa mercê per ventura falou já a el rei em mi?* (CdP, Obra completa, Gil Vicente, século XVI)

b. *Senhor nam serue de nada, se vossa merce a quer, tomea, que eu folgarey muito disso, que hû real me custou* (CdP, Contos & historias de proveito & exemplo, Gonçalo Fernandes Trancoso, 1575)

Padrão II: *Vossa Mercê* + 2 PL

(62) a. (...) e tambem porque sey, seendo eu fora deste Regno, que *Vossa Mercee* em vida d'ElRey meu Senhor e Padre, que Deos ajaa, teendo com meus irmãos e

sobrinhos sobre este caso conselho, fostes aconselhado que esta guerra se nom devya fazer (...) (CdP, Crónica de D. Duarte, Rui de Pina, século XV)

b. (...) E pois hua vez as fiz estas e as outras vejaas vossa merce se as podees aver (...) (CdP, Inquirições Manuelinas, Notarios, 1496-1520, século XVI)

(Marcotulio, 2012, p.)

Ao considerarmos que a concordância é uma operação na qual a sonda checa seus traços não-interpretáveis e não-valorados com os traços intrínsecos do alvo, para que seus traços sejam deletados antes de *Spell-out* (Chomsky, 1995), Marcotulio (2012) aponta que enfrentamos um problema ao tratar do padrão II de concordância. O autor adota inicialmente os tradicionais traços- $\phi$  (traços formais) para o sintagma pronominal *Vossa Mercê* para analisar como os padrões de concordância atestados são obtidos:

Quadro 5 - Processo de concordância verbal do padrão I

Traços- $\phi$ (formais)	Vossa Mercê	T [ $\mu\phi$ :3;SG]	AGREE
Pessoa	3	3	ok
Número	SG	SG	ok

Fonte: Marcotulio (2012)

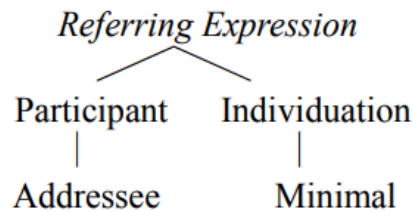
Quadro 6 - Processo de concordância verbal do padrão II

Traços- $\phi$ (formais)	Vossa Mercê	T [ $\mu\phi$ :2;PL]	AGREE
Pessoa	3	2	x
Número	SG	PL	x

Fonte: Marcotulio (2012)

Sonda e alvo apresentam traços diferentes, ou seja, não há pareamento e valoração de traços da sonda no padrão II, o que deveria barrar a derivação; no entanto, como mostrou o autor, esse padrão ocorria na língua portuguesa.

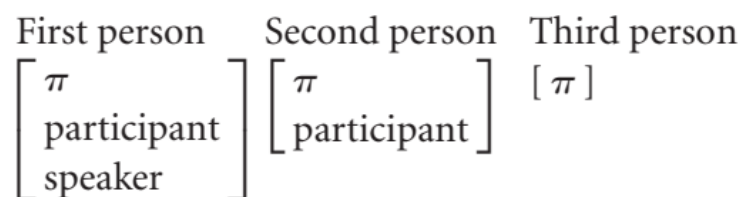
Para dar conta deste problema, Marcotulio (2012) busca examinar outras possibilidades de representação dos traços  $\phi$ , primeiro considerando como seria a ação conjunta de traços formais e semânticos. Analisando, então, a composicionalidade semântica de *Vossa Mercê*, o autor se baseia em Harley e Ritter (2002) e propõe a seguinte hierarquia de traços para essa forma pronominal:

Figura 11 - Composicionalidade da forma pronominal *Vossa Mercê*

Fonte: Marcotulio (2012)

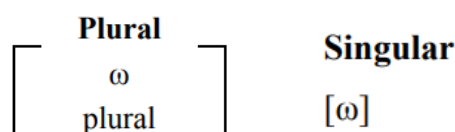
No entanto, o autor argumenta que separar a especificação semântica de uma formal não explica os dois padrões de concordância verbal apresentados, além de ser menos econômico. Marcotulio (2012) assume, portanto, que “um sintagma pronominal deve apresentar no léxico somente uma sequência de traços- $\phi$ , sendo essa sequência capaz de expressar tanto o conteúdo formal quanto o semântico do pronome.” Para dar conta desta questão, o autor parte para a proposta de Béjar (2003, 2008), que apresenta algumas modificações à proposta de Harley e Ritter (2002), como a introdução do nó  $[\pi]$ , o rótulo de pessoa. A primeira e segunda pessoas, diferentemente da terceira, possui o traço [participant]. O traço [speaker] diferencia a primeira e a segunda pessoas. Para número, é adotado o inventário  $\{[\omega], [\text{plural}]\}$ .

Figura 12 - Traços de pessoa



Fonte: Bejár (2003)

Figura 13 - Traços de número



Fonte: Marcotulio (2012)

Outro diferencial dessa proposta, segundo Marcotulio (2012), é que Béjar (2008) leva em consideração que no processo de concordância os traços contidos na sonda devem ser iguais ou serem subconjuntos dos traços do alvo. Assim, teríamos as possíveis relações de concordância entre alvo-sonda:

Tabela 1 - Possibilidades de concordância com traços de pessoa

Probes	Goals		
	$[\pi]$	$\left[ \begin{array}{c} \pi \\ \text{participant} \end{array} \right]$	$\left[ \begin{array}{c} \pi \\ \text{participant} \\ \text{speaker} \end{array} \right]$
$[u\pi]$	Agree succeeds	Agree succeeds	Agree succeeds
$\left[ \begin{array}{c} u\pi \\ u\text{participant} \end{array} \right]$	Agree fails	Agree succeeds	Agree succeeds
$\left[ \begin{array}{c} u\pi \\ u\text{participant} \\ u\text{speaker} \end{array} \right]$	Agree fails	Agree fails	Agree succeeds

Fonte: Béjar (2003)

Para *você*, que apresenta concordância com a terceira pessoa, e *a gente*, que pode apresentar concordância com a primeira pessoa do plural e terceira pessoa do singular, teríamos o seguinte quadro:

Quadro 7 - Processo de concordância de *você*

Padrão	Alvo	Sonda	AGREE pessoa	AGREE número
você – T ( $\#\phi$ :3;SG)	$[\pi \text{ participant}] [\omega]$	$[u\pi] [u\omega]$	$P \subseteq G$ agree succeeds	$P \subseteq G$ and $P \supseteq G$ agree succeeds
a gente – T ( $\#\phi$ :3;SG)	$[\pi \text{ participant speaker}]$ $[\omega \text{ plural}]$	$[u\pi] [u\omega]$	$P \subseteq G$ agree succeeds	$P \subseteq G$ agree succeeds
a gente – T ( $\#\phi$ :1;PL)	$[\pi \text{ participant speaker}]$ $[\omega \text{ plural}]$	$[u\pi \text{ uparticipant} \\ u\text{speaker}]$ $[u\omega \text{ uplural}]$	$P \subseteq G$ and $P \supseteq G$ agree succeeds	$P \subseteq G$ and $P \supseteq G$ agree succeeds

Fonte: Marcotulio (2012)

Para o padrão II de concordância de *Vossa Mercê*, teríamos portanto o quadro abaixo:



Quadro 8 - Processo de concordância do padrão II com a proposta de Béjar (2008)

Traços- $\phi$	Vossa Mercê	T [ $\# \phi$ :2;PL]	AGREE
Pessoa	[ $\pi$ participant]	[ $u\pi$ <i>u</i> participant]	<b>ok</b> ( $P \subseteq G$ and $P \supseteq G$ )
Número	[ $\omega$ ]	[ $u\omega$ <i>u</i> plural]	<b>x</b> ( $P \supseteq G$ )

Fonte: Marcotulio (2012)

A questão da concordância de número não é relevante para essa dissertação, por isso não nos estenderemos nesse ponto. Basta notar que o autor, tomando como base Lopes e Rumeu (2007) e Béjar (2003), sugere que o sintagma pronominal *Vossa Mercê* seja assinalado com o traço de número em um nível hierárquico superior em relação aos demais traços que indicam singular e plural, sendo denominado [ $\alpha$ ]. Assim [ $\alpha$ ] acarreta [plural] que acarreta [ $\omega$ ].

Quadro 9 - Processo de concordância de *Vossa Mercê*

Padrões	Vossa Mercê	T [ $\# \phi$ : ]	AGREE
3 SG	[ $\omega$ plural $\alpha$ ]	[ $u\omega$ ]	<b>ok</b> ( $P \subseteq G$ )
2 PL	[ $\omega$ plural $\alpha$ ]	[ $u\omega$ <i>u</i> plural]	<b>ok</b> ( $P \subseteq G$ )

Fonte: Marcotulio (2012)

Nesta proposta, torna-se necessário responder a uma questão: por que não temos a possibilidade de usar o *você* com a conjugação de segunda pessoa em regiões em que o *tu* é usado com a segunda pessoa? Mesmo em situações formais, quando o *tu* é usado com a segunda pessoa em determinadas variedades, o *você* nunca é empregado com concordância de segunda pessoa, mesmo havendo essa possibilidade para *tu*. Se *você* tem os traços [participant] esperaríamos então que a concordância com a segunda pessoa não falhasse, mesmo que fosse menos usual.

Além dessa questão, para essa proposta ser coerente, é necessário propor a existência de alguma restrição que regule a entrada escolhida para realizar determinado morfema como o Princípio do Subconjunto (ver capítulo 2). Sem esse princípio, seria igualmente gramatical a ocorrência da concordância de terceira pessoa com a primeira pessoa, uma vez que a terceira pessoa apresenta um subconjunto dos traços de primeira pessoa nesta proposta. Ao exigir que a entrada mais especificada seja a escolhida, evitamos esse problema.

No próximo capítulo, mudaremos o foco da concordância para o uso de você enquanto pronome impessoal, observando algumas propostas que buscam lidar com esse tipo de pronome.

## 4 Pronome impessoal

Em diversas línguas, existem pronomes que são usados para se referir não a um indivíduo ou grupo de indivíduos específico, mas sim a pessoas de modo geral. Esses pronomes podem ter formas que são usadas exclusivamente para o uso impessoais, como *one* do inglês e *man* do alemão; existem também formas que abrangem tanto o uso pessoal quanto o impessoal, como o pronome *você*, e aquelas que são estritamente utilizadas como pronomes pessoais, como *ele*. As sentenças (9a) e (9b), reiterada aqui como (63a) e (63b), ilustram esses dois usos do *você*:

- (63) a. Você ia muito à praia.  
 b. Você acha esse tipo de produto no mercado.

A estratégia de empregar a segunda pessoa do singular como pronome impessoal é comum em muitas línguas, como no Húngaro, Estoniano, Komi, Turco, Abecázio, Godie, Árabe do Golfo, Hindi, Caxemira, Koromfe, Koyra Chin, Curdo, Mandarim, Marata, Mauwake, Maybrat, Macushi, Hebraico Moderno, Mundani, Nkore-Kiga, Tuvaluano, línguas Germânicas, Romanas e Eslavas (cf. Siewierska, 2004). Esse uso novamente levanta questões para a semântica do pronome: como um pronome de segunda pessoa é interpretado como um pronome impessoal? Interessantemente, esse uso ocorre com pronomes morfossintaticamente de segunda pessoa do singular como *you* (inglês) e com o *você* e o *usted* (espanhol), por exemplo, que são pronomes que podemos analisar como sendo de terceira pessoa do singular morfossintaticamente, mas semanticamente expressam a segunda pessoa. Esse fato parece ser importante se observarmos que o uso impessoal não ocorre com outro pronome com a mesma especificação morfossintática de *você*, o pronome *ele*. Possivelmente, essa leitura não ocorre com pronomes explícitos<sup>26</sup> de terceira pessoa do singular (e com referência à terceira pessoa), porque não é possível, com a exclusão do falante e ouvinte, derivar uma leitura genérica inclusiva, nem é possível derivar a leitura de uma generalização sobre um coletivo como pode ocorrer com a terceira pessoa do plural. Holmberg & Phimsawat (2015) consideram que o pronome de terceira pessoa do plural só permite essa leitura genérica exclusiva com a presença de um advérbio locativo:

---

<sup>26</sup> Com sujeito nulo de terceira pessoa, podemos ter a leitura impessoal em algumas línguas como é o caso do espanhol (ver subseção 4.3.3)

(64) In Italy, they like to take a nap in the afternoon

“Na Itália, eles gostam de tirar um cochilo à tarde”

(Holmberg & Phimsawat, 2015)

Ao longo deste capítulo, iremos focar no uso impessoal do pronome *você* por duas razões relacionadas: em primeiro lugar, partimos de interesse em pensar quais são os traços do pronome *você*, de modo que é relevante entender se precisamos pensar em um novo traço na composição do pronome (como [definitude]) para dar conta desta leitura impessoal. Além disso, como veremos mais à frente, algumas propostas partem da ideia de que a leitura genérica/impessoal de um pronome como *você* é permitida por este pronome se tratar de um participante do discurso. Nesse sentido, o traço de segunda pessoa (ou o de primeiro no caso de pronomes de primeira pessoa com leitura impessoal) seria relevante para permitir a leitura em questão. Como partimos da hipótese de que *você* é um pronome de terceira pessoa, faz-se necessário investigar se há uma “saída” que não exija que você tenha traços de segunda pessoa para que tenha uma leitura impessoal. A análise de Malamud (2012), como veremos, por exemplo, investiga (entre outros pronomes) *you* e *du*, que são pronomes de segunda pessoa, não de terceira como supostamente o *você*, e o traço de segunda pessoa tem um papel na disponibilidade da leitura impessoal. O que devemos observar é se é necessário que estes pronomes (*du*, *you*, *você*) tenha traços de segunda pessoa ou o fato de semanticamente ser de segunda pessoa basta para permitir a leitura impessoal.

Na subseção seguinte, veremos como a genericidade pode estar relacionada ao uso do pronome impessoal.

#### 4.1 Genericidade

Tradicionalmente, distinguem-se dois tipos de genericidade. O primeiro é a referência à espécie como em (65), em que os DPs fazem referência a um tipo de batata, não a um grupo específico de batatas ou a uma batata específica.

(65) a. The potato was first cultivated in South America

“A batata foi cultivada pela primeira vez na América do Sul.”

b. Potatoes were introduced into Ireland by the end of the 17th century.

“Batatas foram introduzidas na Irlanda até o final do século XVII.”

(Krifka et al., 1995)

O segundo tipo de genericidade são as sentenças genericamente quantificadas. Essas sentenças não expressam episódios específicos ou fatos isolados, mas sim uma propriedade geral, uma regularidade sobre eventos ou fatos particulares. Veja a leitura das sentenças em (66) por exemplo. Em (66a), temos uma sentença que expressa um hábito, uma generalização sobre uma ação e em (66b) a sentença expressa uma generalização sobre uma propriedade das batatas em geral e não uma característica de uma batata específica. A genericidade nesse caso é uma propriedade da sentença como um todo, não de um DP da sentença.

(66) a. John smokes a cigar after dinner

“João fuma após o jantar”

b. A potato contains vitamin C, amino acids, protein and thiamine

“Uma batata contém vitamina C, aminoácidos, proteína e tiamina”

(Krifka et al., 1995)

Há formas de forçar a leitura genérica, por exemplo, usando advérbios como *tipicamente, sempre, geralmente, usualmente, raramente, nunca*. Sem esses modificadores explícitos, apenas contextualmente é possível decidir se eles expressam afirmações episódicas ou genéricas.

(67) a. João geralmente/sempre/raramente/nunca come hambúrguer

b. João come hambúrguer

No caso das sentenças genericamente quantificadas, “uma batata” ganha seu significado genérico porque a variável introduzida por esse indefinido é ligada ao operador genérico:

Heim 1982 propõe que sintagmas indefinidos como um cachorro não são sintagmas existencialmente quantificados em si mesmos, mas sim, são fórmulas com uma variável livre (um cachorro = cachorro  $x$ ). No caso dos 3 indefinidos com interpretação genérica, temos que esses sintagmas não são verdadeiras expressões de referência à espécie, mas sim indefinidos

'normais' que tem sua variável presa por um quantificador genérico. (Müller, 2000)

Os usos impessoal e referencial de *you* comportam-se da mesma forma no que diz respeito à morfossintaxe: o material fonológico implementado para o pronome e a concordância não se modificam. No entanto, percebe-se claramente que o contexto em que o pronome está inserido é relevante. Há uma relação clara entre a leitura impessoal do pronome de segunda pessoa e sentenças genéricas. Podemos observar que sentenças episódicas barram a leitura impessoal do pronome; nestas sentenças, apenas o uso referencial de *you* está disponível. Por esta razão, em sentenças com aspecto perfectivo a leitura genérica é quase sempre barrada:

(68) Pretérito Perfeito do Indicativo

- a. #*You* pagou muitas contas
- b. #*You* mal terminou de pagar uma conta e logo chegou outra
- c. #No século XIX, *you* conheceu muitas pessoas famosas nesta cidade.
- d. ?? No século XIX, *you* pôde conhecer muitas pessoas famosas nesta cidade.

(69) Futuro do Pretérito do Indicativo

- a. #*You* terá terminado de pagar muitas contas
- b. #*You* mal terá terminado de pagar uma conta e logo terão chegado outras
- c. #No século XXV, *you* terá conhecido muitas pessoas famosas nesta cidade.
- d. ?? No século XXV, *you* poderá ter conhecido muitas pessoas famosas nesta cidade.

Com aspecto imperfectivo, esta leitura torna-se possível, mas não em qualquer sentença; parece ser necessário expandir o contexto morfossintático, seja tornando o período composto, adicionando modificadores ou verbos modais como pode ser observado em (70b) e (71b). Caso contrário, o uso impessoal ainda pode estar disponível, mas determinado apenas contextualmente. Isso significa que, nesse tipo de dado, a única possibilidade de classificar uma ocorrência de pronomes da primeira ou segunda pessoa do singular como impessoais ou referenciais é depender das intuições do falante sobre o uso pretendido.

(70) Pretérito Imperfeito do Indicativo

- a. #Você pagava muitas contas
- b. (Naqueles tempos) Você pagava uma conta e logo chegava outra

(71) Presente do Indicativo

- a. # Você paga uma conta
- b. Você paga uma conta e logo chega outra

Pode-se observar que expressões modais (verbos modais e sentenças condicionais), por vezes, possibilitam ou facilitam a disponibilidade da leitura do *você* impessoal. Operadores modais quantificam sobre mundos possíveis, selecionando o mundo ideal onde as condições corretas são alcançadas.

- (72) a. # Você é responsável para fazer um projeto desses
- b. Você tem que ser responsável para fazer um projeto desses
  - c. #Você sai quando está chovendo e se molha
  - d. Se você sai quando está chovendo, você se molha

Interessantemente, o operador genérico é tratado em muitas propostas como um operador modal (Heim, 1982; Krifka, 1987, 1988; Krifka et al., 1995; Chierchia, 1995, 1998). O operador genérico introduziria quantificação sobre mundos possíveis ou indivíduos.

De acordo com Greenberg (2003), todas as abordagens sobre o operador genérico notam que ele não pode ser entendido simplesmente como um quantificador universal existencial como em (73):

- (73) a. A grizzly bears snores loudly
- b.  $\forall d, s$  [Grizzly bear (d) contextually relevant (s, d)] [snores loudly (s, d)]
- “Every (relevant) situation (e.g. a snoring situation) involving every grizzly bear is a situation where this bear snores loudly.”<sup>27</sup>

Essa denotação não captura o significado de (72a) devido ao fato de que os genéricos, diferentemente dos existenciais, toleram exceções. Greenberg (2003) sugere que a propriedade de “tolerância de exceções” poderia indicar que o quantificador genérico tem a força quantificacional de “a maioria” em vez de “todos”, ou seja, que (72a) deveria ser

<sup>27</sup> “Toda situação (relevante envolvendo todo urso pardo é uma situação em que esse urso ronca alto”

representado como em (74). No entanto, esse tipo de representação também falha porque não captura uma outra propriedade de sentenças genericamente quantificadas: a sua natureza não acidental.

(74) Most d, s [Grizzly bear (d) contextually relevant (s, d)] [snores loudly (s, d)]  
 “A maioria dos d, s [Ursos pardos (d) contextualmente relevantes (s, d)] [ronca alto (s, d)].”

Krifka (1995) adota um tratamento modal para o operador genérico GEN inspirado na proposta de Kratzer (1981) para verbos modais. Segundo Kratzer (1977, 1981, 1989), sentenças modais podem ser avaliadas em relação a: (i) força quantificacional universal (necessidade) ou existencial (possibilidade) e (ii) dois *conversational backgrounds* (contexto conversacional): a) uma *modal base* (base modal) e b) uma *ordering source* (fonte de ordenação). A *modal base* determina o conjunto de mundos possíveis acessíveis e a *ordering source* ranqueia esses mundos como mais próximos ou distantes de um mundo que seria o ideal, restringindo a avaliação da sentença modal. Assim como “*must*”(dever), o operador genérico introduziria quantificação universal sobre todos os mundos selecionados pela *modal base* que são mais próximos do ideal determinado pela *ordering source*.

Observamos ainda que o deslocamento temporal/espacial também pode auxiliar a leitura impessoal do pronome, como pode ser visto em (73b). Zobel (2014) aponta que tanto von Stechow and Heim (2011) quanto Portner (2009) entendem a modalidade como uma expressão de deslocamento. Portner (2009) observa a modalidade como “the capacity to convey information about objects and events that are displaced not only in time and space but also in actuality or potentiality.”<sup>28</sup>

(75) a. Você encontrava muitas pessoas famosas nessa rua  
 b. No século XIX, você encontrava muitas pessoas famosas nessa rua

Em posição de tópico, a leitura genérica é menos saliente, talvez até mesmo inaceitável:

(76) a. ?Você, se começa a fumar hoje, amanhã já está usando outras

---

<sup>28</sup> a capacidade de transmitir informações sobre objetos e eventos que estão deslocados não apenas no tempo e no espaço, mas também em atualidade ou potencialidade.



coisas.

- b. Se você começa a fumar hoje, amanhã já está usando outras coisas.

Já em posição de foco, parece ser completamente barrada:

(77) a. #Foi você que chegou atrasado (e não ele).

- b. #É você que se começa a fumar hoje, amanhã está usando outras coisas.

Outras posições sintáticas não demonstram a mesma restrição:

(78) a. Se o projeto dá um notebook para você, este precisa ser devolvido em um ano.

- b. Quando alguém te ama de verdade, você percebe.

- c. Convidar alguém para entrar na sua casa, devia ser visto como algo muito sério.

Note que no caso de construções de foco, pronomes fortes quando há a contraparte fraca como no holandês (Gruber, 2017) e pronomes realizados quando há a possibilidade do pronome nulo como no espanhol, bávaro e espanhol (Alonso-Ovalle, 2000, 2002; Gruber, 2011), forçam a leitura indexical:

(79) a. Waun-st DU im Winta ausse gehst, daun muast pro di woarm auziagn.

Única leitura possível: “Se você (referencial) sair no inverno, você deve vestir algo quente”

- b. Waun-st *pro* im Winta ausse gehst, daun muast *pro* di woarm auziagn

Leituras possíveis: “Se você (referencial) sair no inverno, você deve vestir algo quente”

“Se você (impessoal) sair no inverno, você deve vestir algo quente”

- c. Credo che in questo lavoro TU ti faccia male spesso

Única leitura possível: ‘Eu acho que você (referencial) muitas vezes de machuca fazendo esse trabalho’

- d. Credo che in questo lavoro *pro* ti faccia male spesso.

Leituras possíveis: “Eu acho que você (referencial) muitas vezes se machuca

fazendo esse trabalho”

“Eu acho que você (impessoal) muitas vezes se machuca  
fazendo esse trabalho”

(adaptado de Gruber, 2011)

e. En este departamento TÚ trabajas mucho

Única leitura possível: “Nesse departamento, você (referencial) trabalha muito”

f. En este departamento *pro* trabajas mucho

Leituras possíveis: “Nesse departamento, você (referencial) trabalha muito”

“Nesse departamento, você (impessoal) trabalha muito”

(adaptado de Alonso-Ovalle, 2000)

Já foi apontado (Bybee, 2010)<sup>29</sup> que parece haver uma relação entre a falta de densidade semântica com a fonologia enfraquecida. Gruber (2011) e Zobel (2014) também apontam que usos impessoais de pronomes pessoais em línguas com formas pronominais de força morfossintática variável geralmente estão disponíveis apenas para a variante morfologicamente mais fraca. No entanto, essa tendência não é absoluta. Siewierska (2004) aponta que em línguas pro-drop (por exemplo, Romeno, Italiano, Sardo, Espanhol Iberiano, as línguas eslavas, línguas fino-úgricas, Grego e o Berbere Rifenho), a interpretação impessoal dos pronomes de primeira, segunda ou terceira pessoa só ocorre quando o pronome não é realizado fonologicamente. No espanhol da América Latina, por outro lado, a autora aponta que o pronome é também utilizado com interpretação impessoal, de modo que a leitura impessoal não pode ser restrita à ausência do pronome explícito mesmo em línguas pro-drop.

A alteração do modo Indicativo para o Subjuntivo não barra a leitura genérica; esta segue dependendo dos fatores já comentados até aqui, tais como aspecto e contexto morfossintático expandido:

(80) Pretérito Imperfeito do Subjuntivo

#Se você começasse a fumar hoje, amanhã já está usando outras coisas

(81) Futuro do Subjuntivo

---

<sup>29</sup>Um exemplo é que enquanto *have* do inglês pode ser reduzido em sua forma auxiliar, em que há perda semântica (I've been here before), *have* não pode sofrer essa redução quando é um verbo principal que mantém sua semântica completa (I have a dog/\*I've a dog; I have to go/\*I've to go)

# Quando você sair da casa dos seus pais, você vai ganhar  
responsabilidade

(82) Presente do Subjuntivo

- a. #Acredito que você ganhe um vale-alimentação
- b. Acredito que você ganhe um vale-alimentação ao se inscrever  
neste programa

Além do contexto morfossintático, a leitura específica ou genérica parece não se adequar a alguns contextos semântico-pragmáticos. Vejamos frases como em (83):

- (83) a. Você é sortudo se você ganha na mega sena
- b. Você fica feliz quando você ganha na mega sena

Sabemos que ganhar a mega sena não é um evento habitual, que ocorre diversas vezes a um único indivíduo, de modo que causa estranheza fazer esta generalização sobre uma pessoa específica, um interlocutor. Desta forma, apesar de possível, a leitura referencial parece menos adequada, sendo a leitura genérica a mais saliente. Cabe ressaltar que estes contextos de leitura mais apropriados não dizem respeito à gramaticalidade da leitura neste determinado recorte sintático, mas à restrição do contexto pragmático considerando a frequência do fato no mundo real.

## 4.2 Propostas

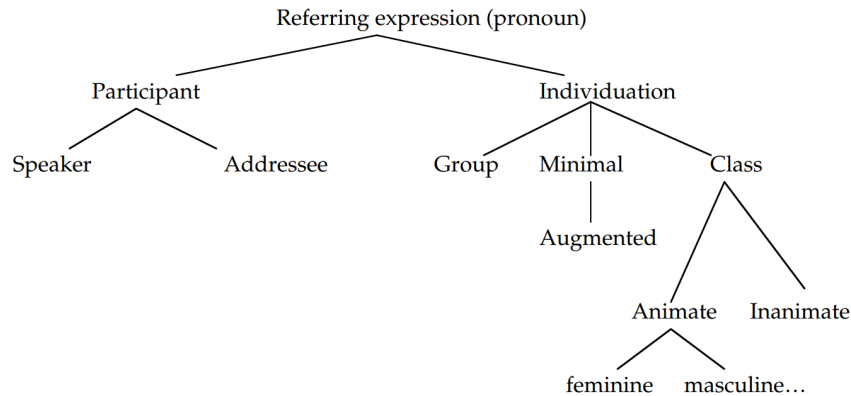
Observaremos a seguir algumas propostas que buscam dar um tratamento ao uso de pronomes impessoais.

### 4.2.1 Carvalho (2008, 2018)

Este autor propõe, baseando-se na geometria de traços de Harley e Ritter (2002) e Béjar (2003), uma divisão dos traços  $\phi$  em três grupos: Participant (participante), que inclui os traços Speaker (falante) e Addressee (destinatário); Individuation (individação), que inclui os traços Group (grupo), Minimal (mínimo) e Augmented (aumentado); e Class (classe), que codifica gênero e outras classes informacionais. Béjar (2003) introduz ainda o traço  $[\pi]$  à geometria de Harley e Ritter (2002) entre a raiz do elemento referencial e o nó

[PARTICIPANT]. Este seria um rótulo para categoria pessoa. Focaremos na análise do traço [PARTICIPANT].

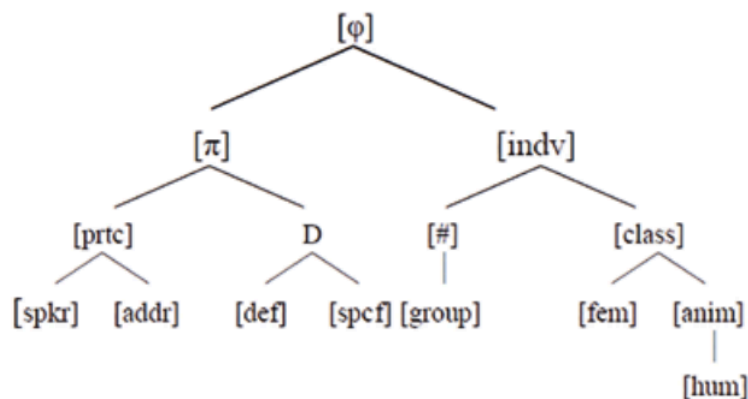
Figura 14 - Geometria de traços de um pronome



Fonte: Carvalho (2008).

Além disso, para capturar a diferença entre a leitura referencial e impessoal de *você*, Carvalho argumenta que é preciso acrescentar traços a esta categoria. O autor propõe que sejam estes os traços gramaticalizados de definitude e especificidade:

Figura 15 - Geometria de traços do pronome após modificações



Fonte: Carvalho (2018)

Nesta visão, o autor propõe que a configuração do nó [pessoa] em PB seja como em (84) para segunda pessoa do singular e que [SPECIFIC] e [DEFINITE] sejam traços φ:

(84) 2ª pessoa:

- a. Definido:  $[\varphi[\pi[\text{part}[\text{addr}]][D[\text{spcf}][\text{def}]]]]$   
 b. Arbitrário:  $[\varphi[\pi[\text{part}[\text{addr}]][D]]]$

(Carvalho, 2018, p. 40)

Assim, na ausência de traços como [DEFINITE] e [SPECIFIC], *você* teria uma leitura que o autor chama de arbitrária. Nesta proposta, assim como na de Harley e Ritter (2002) e Béjar (2003), o autor não considera que traços tenham valores positivamente ou negativamente marcados; um traço está presente ou ausente na composição do pronome.

Cabe aqui traçar uma distinção entre a definitude semântica e gramatical. Para Lyons (1999), a definitude enquanto categoria gramatical, assim como outras categorias gramaticais, não pode ser completamente definida em termos semânticos ou pragmáticos, embora represente a gramaticalização de alguma categoria de significado. Assim, a correspondência entre categoria gramatical e categoria de significado não é unívoca. Segundo o autor:

Geralmente o caso é que categorias gramaticais não são expressões diretas dos conceitos semânticos/pragmáticos dos quais podem se dizer que estes são gramaticalizações. Quando um conceito vem a ser representado gramaticalmente, ele toma uma nova vida, e o resultado é que a categoria gramatical criada não está limitada a expressar aquele conceito. O conceito original provavelmente, no entanto, continua a ser o valor prototípico da categoria gramatical, de modo que a categoria pode ainda ser vista expressando este conceito em seus usos centrais. (LYONS, 1999, p.276, tradução nossa<sup>30</sup>)

Lyons (1999) afirma ainda que pronomes pessoais são inerentemente definidos. Esse é um ponto que levantamos: a definitude tem algum lugar enquanto traço morfossintático para o pronome? Se sim, pronomes pessoais são sempre definidos?

Como argumento a favor da ideia de que definitude é um traço morfossintático relevante para pronomes pessoais, Carvalho (2018) traz algumas instâncias da definitude como um traço relevante para a sintaxe. Para descrever a flexão nominal em alemão, por exemplo, é necessário observar gênero, número e caso. Já para descrever a flexão adjetival, faz-se necessário observar, além de gênero, número e caso, três paradigmas flexionais diferentes - “fortes”, “mistos” e “fracos”. Apesar de não haver um único marcador de

---

<sup>30</sup> It is generally the case that grammatical categories are not direct expressions of the semantic/pragmatic concepts which they can be said to be the grammaticalizations of. When a concept comes to be represented grammatically it takes on a new life, with the result that the grammatical category created is not limited to expressing that concept. The original concept is likely, however, to continue to be the prototypical value of the grammatical category, so that the category can still be seen as expressing that concept in its central use.

definitude em alemão nos adjetivos, a definitude é expressa através da escolha do determinante e da flexão dos adjetivos:

A ausência de um artigo correlaciona-se com a presença de adjetivos plenamente flexionados (flexão forte); artigos indefinidos (e alguns outros elementos, tais como pronomes possessivos) coocorrem com adjetivos portando flexão mista; artigos definidos coocorrem no sintagma nominal com adjetivos portando flexão fraca.  
(CARVALHO, 2018, p. 31)

Um problema é que essa análise não captura algo importante a respeito do uso impessoal de *você* - a conexão da disponibilidade desta leitura com sentenças genéricas (como observado na seção 4.1).

Antes de seguirmos para a proposta seguinte, vamos debruçar brevemente sobre a questão da (in)definitude dos pronomes pessoais.

#### 4.2.1.1 (In)definitude

Os pronomes pessoais são usualmente analisados como expressões definidas. No entanto, podemos observar que pronomes pessoais em seu uso impessoal comportam-se como indefinidos quanto à suscetibilidade à variabilidade quantificacional com advérbios como “raramente” e “usualmente” (Malamud, 2006, 2012). Lewis (1975) observou que em sentenças contendo descrições indefinidas, um advérbio de quantificação parece quantificar sobre a variável introduzida pelo indefinido, o que chamamos de *quantificational variability effect* (QVE). Assim, descrições indefinidas apresentam QVE com advérbios quantificacionais, mas as descrições definidas não. Esse efeito também pode ser observado na denotação da segunda pessoa impessoal:

- (85) a. Um aluno dessa escola raramente/usualmente é inteligente (QVE: a minoria/a maioria dos alunos)
- b. #Esses alunos são usualmente são inteligentes (no QVE: the only reading is ‘#Now they are smart, now they are not’)
- c. Na Idade Média, você raramente/usualmente vivia até os 90 anos (QVE: a minoria/a maioria das pessoas)

No uso referencial, não há QVE, ou seja, o pronome se comporta como um DP definido:

(86) # You (hearer) usually/rarely lived to be 60.<sup>31</sup>

Por outro lado, o pronome é barrado em sentenças existenciais, assim como DPs definidos e diferentemente dos indefinidos, o que poderia estar ocorrendo pelo Efeito de Definitude. Esse conceito descreve o fenômeno da posição pós-verbal em sentenças existenciais parecer permitir somente DPs indefinidos. Segundo Kratzer (1997), percebe-se que há uma restrição forte (mas não categórica) a DPs definidos na posição pós-verbal em sentenças existenciais. No caso, observa-se, em (87), que tanto *você* genérico quanto específico não podem aparecer em sentenças existenciais, enquanto indefinidos podem ocorrer nestas sentenças:

- (87) a. \*Tem/há você nessa sala.  
 b. Tem pessoas nessa sala  
 c. Tem um gato nessa sala  
 d. \*Quando tem/há você nessa sala, começam a cobrar pela hora.  
 e. Quando você entra nessa sala, começam a cobrar pela hora.

Para não lançar mão de duas entradas lexicais, é possível propor, no quadro teórico da MD, que o IV é subespecificado para definitude. O nó terminal onde esse IV será inserido pode ter traço de definitude ou não (em uma proposta de traço monovalente) ou que seria marcado como [ $\pm$ def] (em uma proposta com traços bivalentes). No entanto, um problema de uma análise que conta apenas com o traço [definitude] e [especificidade] para diferenciar o uso pessoal e impessoal, é que ela não captura uma característica importante a respeito do uso impessoal de *você* - a sua conexão com sentenças genéricas. Como já foi comentado, sentenças episódicas barram a leitura impessoal do pronome *você*, que só ocorre em sentenças genéricas.

Fato é que não é somente a questão da definitude que está envolvida na leitura impessoal, como veremos em propostas mais à frente. O que parece importar em relação a definitude não é propor que o *você* seja indefinido porque não tem um referente definido; o que parece importar é se o seu comportamento é como o de um indefinido (como proposto por

<sup>31</sup> Você (ouvinte) usualmente/raramente viveu até os 60 anos

Heim, 1982)<sup>32</sup>, ou seja, se os pronomes impessoais desse tipo introduziriam uma variável livre que será ligada por um operador, neste sentido, comportando-se como descrições indefinidas. Malamud (2012) propõe que impessoais como *você*, que retêm uma conexão com participantes do discurso, são compostos tanto de uma parte indexical definida quanto uma variável que é vinculada ao operador genérico. *Você*, então, pode ser analisado como definido em seu uso pessoal e se comporta como indefinido no seu uso impessoal. Seguirei essa ideia (ver capítulo 5), mas a parte indexical, diferentemente da análise de Malamud (2012), não será o traço de segunda pessoa, mas o componente dêitico como na análise de Zobel (2014).

#### 4.2.2 Gruber (2017)

Essa autora observa as leituras pessoal e impessoal dos pronomes *jij* (pronome forte de segunda pessoa) e *je* (pronome fraco de segunda pessoa) no holandês. Primeiramente, cabe apresentar brevemente a proposta de Déchaine e Wiltschko (2002), na qual Gruber se baseia.

Déchaine e Wiltschko (2002, 2015) argumentam que há, estruturalmente, três tipos pronominais: pro-DP, pro- $\phi$ P e pro-NP. As autoras propõem essa diferenciação, primeiramente, com base no comportamento diferente dos pronomes primeira/segunda pessoas e de terceira pessoa - os últimos podendo ser, diferente dos primeiros, uma variável ligada.

Figura 16 - Tipos Pronominais

---

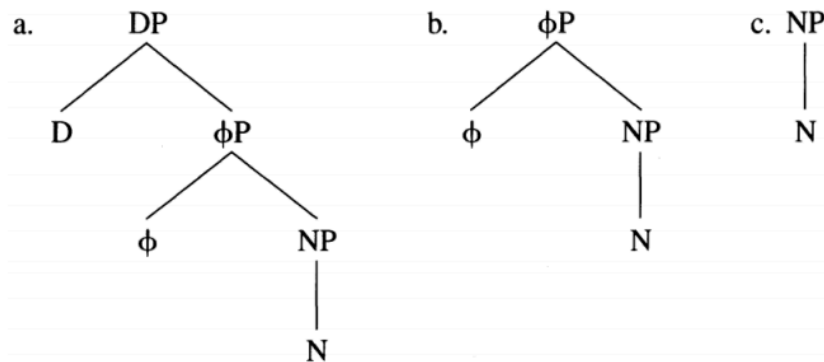
<sup>32</sup> Para Heim (1982), “only indefinites get bound by the nearest c-commanding quantifier, whereas definites remain free (unless they come to be bound by way of being anaphoric to a bound antecedent).” Assim, tanto definidos quanto indefinidos introduzem variáveis livres, mas apenas definidos podem permanecer livres. Por exemplo, na sentença (ia), em “a cat” temos uma variável existencialmente ligada, enquanto “the cat” permanece livre.

- (i) a. A cat is at the door  
       “Um gato está na porta  
       b. The cat is at the door  
       “O gato está na porta”

A interpretação dessas sentenças corresponde a seguinte fórmula:

- (iii) a.  $\exists x1(\text{cat}(x1) \wedge \text{at-the-door}(x1))$   
       b.  $\text{cat}(x1) \wedge \text{at-the-door}(x1)$





Fonte: Déchaine e Wiltschko (2002).

Os pro-DPs funcionam como expressões referenciais, respeitando o princípio C. Em relação à semântica, pro-DPs seriam sempre definidos/dêiticos. Seus subconstituintes, pro-phiP e Pro NP, têm comportamentos sintáticos diferentes: pro-phiP podem ser ligados localmente, funcionando como uma variável, ou não - no primeiro caso, respeitam o princípio A, no segundo caso respeitam o princípio B. Já a segunda estrutura, pro-NP para as autoras seriam “indefinidos em relação à teoria de ligação e suas propriedades de ligação seguem de sua semântica inerente de uma maneira previsível” (Déchaine e Wiltschko, 2002, p. 411, tradução nossa<sup>33</sup>).<sup>34</sup>

<sup>33</sup> We argue that they are undefined with respect to binding theory; rather, their binding properties follow from their inherent semantics in a predictable way.

<sup>34</sup> Em seu artigo *A Note on the Categorization of Nominal expressions*, Heinat (2004) aponta críticas à categorização de Déchaine e Wiltschko (2002). Uma das considerações feitas é que, com a postulação de três estruturas para os pronomes, haveria necessidade de se expandir a c-seleção dos verbos. Desse modo, um verbo como *see (ver)* poderia tomar um pro-DP, pro-phiP ou Pro-NP:

(1) John saw [Mary/me/you/us/you]<sub>DP</sub>/[him/her/them]<sub>phiP</sub>/[one]<sub>NP</sub> (too).

Outro ponto é criticado por Heinat (2004). Um dos argumentos de Déchaine e Wiltschko (2002) em relação a primeira e segunda pessoa serem pro-DPs é que estas podem funcionar como determinantes:

- (2) a. we linguists                      us linguists  
       b. you linguists                  you linguists  
       c. \*they linguists                \*them linguists

(DÉCHAINÉ; WILTSCHKO, 2002, p.421)

Para Heinat (2004), além da questão de que há dialetos que aceitam *them linguists* (“eles linguistas”), há ainda outro problema para a análise de Déchaine e Wiltschko (2002): a primeira e segunda pessoa também não funcionam como determinantes no singular. Assim, parecíamos estar diante de uma diferença relacionada ao traço de número, não de pessoa:

- a. \*I linguist                            \*me linguist  
       b. \*you linguist                    \*you linguist  
       c. \*he/she linguist                \*him/her linguists

(HEINAT, 2004, p.46)

Um dos principais argumentos de Déchaine e Wiltschko (2002) ao proporem estas estruturas é o fato de que pronomes de 1ª e 2ª pessoas não podem ser variáveis ligadas, ao contrário dos pronomes de 3ª pessoa. No entanto, como apontado por Rullmann (2004), a primeira e segunda pessoas também funcionam como variáveis ligadas em algumas frases, o que pode ser observado em (6).

Assim, Déchaine e Wiltschko (2015) propõem que estas estruturas permitiriam explicar as duas interpretações nas frases abaixo, uma indexical e uma não-indexical, ou seja, as diferentes leituras teriam origem em diferenças estruturais:

- (88) Only I got a question that [I] understood (nobody else did)  
 = (i)  $\lambda x$  [x got a question that ySPEAKER understood] (...nobody else got a question that I understood)  
 = (ii)  $\lambda x$  [x got a question that x understood (...nobody else got a question that they understood)]<sup>35</sup>

(Déchaine; Wiltschko, 2015)

---

Uma outra problemática levantada se trata da Teoria de Ligação. Como para Déchaine e Wiltschko (2002) os pronomes pro-DPs respeitam o princípio C da teoria de ligação e as autoras classificam a primeira e segunda pessoa como pro-DPs, há necessidade de explicar porque esses pronomes em inglês (no caso, também em PB) aparentemente violam o princípio C. Para isto, Déchaine e Wiltschko (2002), seguindo Demirdache (1997), argumentam que a gramática regula apenas variáveis ligadas e que os DPs do inglês são quantificacionais. Consequentemente, estes sofrem alçamento do quantificador. Assim, as violações do princípio C são reanalisados como violações de strong crossover.

No entanto, para Heinat (2004), há pelo menos um motivo para não reduzir o princípio C a violações de strong crossover - a sentença em (12b) deveria induzir violações de strong crossover como podemos averiguar se substituirmos a expressão referencial por um elemento *qu*- como em (12c). Assim, sentenças com pronomes que não *c*-comandam uma expressão-R induziram violação de strong crossover, mas esse não é o caso, porque posso dizer “A mulher que a viu amou Maria” (já que não há relação de *c*-comando, não há violação do princípio C).

- a. \*Eu sei que ele<sub>i</sub> ama o Oscar<sub>i</sub>  
 LF: \*[Oscar]<sub>i</sub> [Eu sei que ele<sub>i</sub> ama t<sub>i</sub>]  
 b. A mulher que a<sub>i</sub> viu amou Maria<sub>i</sub>  
 LF: [Maria]<sub>i</sub> [a mulher que a<sub>i</sub> viu amou t<sub>i</sub>]  
 c. \*Quem<sub>i</sub> que mulher que a<sub>i</sub> viu amou?

(HEINAT, 2004, p. 47, adaptado.)

<sup>35</sup> Dois significados são possíveis: ou ninguém mais recebeu uma pergunta que eu entendi, ou ninguém mais recebeu uma pergunta que eles mesmo entenderam. No primeiro caso, temos a leitura indexical, no segundo caso temos uma variável ligada, com leitura não-indexical.

As autoras, portanto, argumentam contra a ideia de indexicalidade inerente da primeira e segunda pessoas, ou seja, estes pronomes não seriam inerentemente especificados como [1ª pessoa] e [2ª pessoa].

Podemos retomar à análise de Gruber. A autora aponta que apenas o pronome fraco *je* (*você* em holandês) pode ter a leitura genérica, como pode ser visto em (15). Para explicar esta diferença, a autora propõe que pronomes genéricos tenham a estrutura de pro- $\phi$ Ps. Como o operador genérico GEN precisa quantificar sobre o pronome, somente pronomes que são variáveis, ou seja, que não possuem uma camada D, são possíveis nesses contextos. Assim, *je* pode ter leitura pessoal quanto impessoal. Nessas duas leituras a autora propõe que o pronome sempre tem traços de segunda pessoa (que está na camada  $\phi$ ). Em contextos genéricos, por estar ligado a um operador genérico, a interpretação é expandida de um ouvinte específico para qualquer ouvinte.

(89) a. In Nederland leerde jij fietsen zelfs voordat jij leerde lopen

Em Holanda aprendeu 2SG andar-de-bicicleta até antes 2SG aprendeu andar

“Na Holanda, você<sub>indexical</sub> aprende a andar de bicicleta antes mesmo de  
você<sub>indexical</sub> aprender a andar”

b. In Nederland leerde je fietsen zelfs voordat je leerde lopen

Em Holanda aprendeu 2SG andar-de-bicicleta até antes 2SG aprendeu andar

“Na Holanda, você<sub>indexical</sub> aprende a andar de bicicleta antes mesmo de  
você<sub>indexical</sub> aprender a andar”

“Na Holanda, você<sub>genérico</sub> aprende a andar de bicicleta antes mesmo de  
você<sub>genérico</sub> aprender a andar”

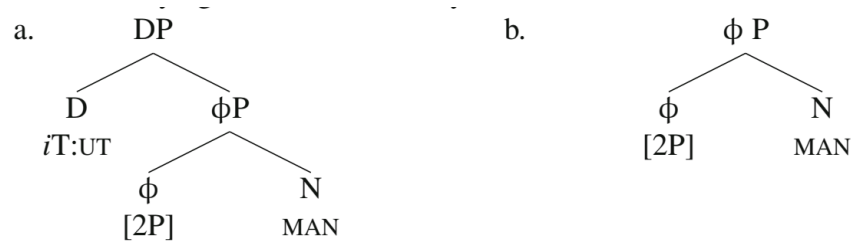
(adaptado de Gruber, 2017, p. 201)

A base nominal destes pronomes e de pro-DPs seria a mesma - o nome “man” não pronunciado, que representa uma entidade especificada como [+senciente]. Ambos também possuem os traços de pessoa em  $\phi$  (diferentemente do que propunham Déchaine e Wiltschko (2002, 2015) - na proposta destas autoras, o traço ficaria em D em pro-DPs).

A diferença, então, se dá pela falta da camada D, que tem um traço não-valorado de tempo. Este traço de tempo possui default de UTTERANCE TIME. Como pro- $\phi$ Ps não tem essa camada, não há uma restrição temporal na interpretação. Assim, existe um tipo pronominal, os pro-DPS, que só podem ser interpretados indexicalmente, como *jij* (*você* em

holandês), porque a indexicalidade está intrinsecamente ligada ao contexto do enunciado, que força uma interpretação definida nos DPs.

Figura 17 - Traços presentes em pro-DPs e pro-φPs



Fonte: Gruber (2017)

#### 4.2.3 Alonso-Ovalle (2000)

Em espanhol, há algumas construções em que *pro* tem uma leitura que o autor chama de arbitrária, seguindo a literatura sobre PRO arbitrário. Ele mostra que *pro* [III,pl] como em a e *pro*[II,s] podem ter leituras arbitrárias, mas este último apenas em sentenças genéricas, assim como vimos com *você*:

(90) En ese departamento, *pro* trabajas como un esclavo

Em DEM.MASC.SG departamento trabalhar.2SG como DET.MASC.SG escravo

“Nesse departamento, *pro* trabalhas como um escravo”

(adaptado de Alonso-Ovalle, 2000)

Tomo isso como uma possível evidência de que *você* impessoal não ocorre porque precisamos de uma nova estratégia de preenchimento do sujeito; na verdade, o uso da segunda pessoa do singular impessoal ocorre mesmo em línguas em que esse sujeito não é realizado. Gruber (2011) mostra, por exemplo, que o bávaro, um dialeto alemão e o italiano podem utilizar a segunda pessoa não realizada fonologicamente como um impessoal:

(91) a. Waun-st *pro* im Winta ausse gehst, daun muast *pro* di woarm auziagn

“Se você sair no inverno, você deve vestir algo quente”

c. Credo che in questo lavoro *pro* ti faccia male spesso.

“Eu acho que você muitas vezes se machuca fazendo esse trabalho”

(Gruber, 2011. p.350-351)

Outro exemplo disso é o caso do finlandês, que é uma língua de sujeito nulo parcial como o PB, mas que utiliza opcionalmente sujeito nulo na leitura genérica de *nós*:

(92) (Me) syömme Suomessa paljon savukalaa.

Nós comer.1PL Finlândia.INE muito peixe defumado

“Nós comemos muito peixe defumado na Finlândia”

(Holmberg e Phimsawat, 2015)

Assim, o fato do pronome estar expresso na interpretação impessoal não revela algo diferente das sentenças em que o pronome é interpretado como pessoal. Enquanto pode ser argumentado que a realização dos pronomes, em sentenças pessoais e impessoais, revela que o PB caminha para o maior preenchimento de sujeitos, a estratégia de usar o pronome de segunda pessoa como um impessoal não é uma estratégia cujo objetivo seja o preenchimento do sujeito, ocorrendo em línguas mesmo onde o sujeito não é preenchido.

Alonso-Ovalle (2000) busca explicar o fato de que *pro* [II, s] se comporta como um indexical regular em frases episódicas, mas pode representar diferentes indivíduos em sentenças genéricas. Primeiro, o autor considera que *pro*<sub>2</sub> (em seu uso indexical) e *tú* (do espanhol) tenham a mesma semântica:

(93)  $[[tú]]^{w,c} = [[pro_2]]^{w,c} = ix. \text{ addressee } (x) (c)$

(Alonso-Ovalle, 2000)

Essa suposição, no entanto, leva a conclusões errôneas sobre as condições de verdade de sentenças com *pro*<sub>2</sub> com leitura impessoal. Veja que (92a) não é uma afirmação sobre o interlocutor em *c* nem sobre seus correspondentes nos mundos prototípicos, uma vez que a sentença ainda pode ser verdadeira mesmo que o interlocutor em *c* (ou seus correspondentes) não trabalhe muito em todos os mundos prototípicos:

(94) a. En este departamento *pro* trabajas mucho

“Nesse departamento, trabalhas muito”

b. En este departamento tú trabajas mucho

“Nesse departamento, tu trabalhas muito”

c. Gnx [pro2] [ work-a-lot-in-this-department (pro2)]

d. Gnx [ tú] [ work-a-lot-in-this-department (tú)]

e.  $[[\text{Gnx [ tú] [work-a-lot-in-this-department (tú) ]}]_{w,c} = [[\text{Gnx [pro2] [work-a-lot-in-this-department (pro2) ]}]_{w,c} = 1$  se e somente se, para cada  $w'$  tal que (um correspondente do) interlocutor em  $c$  existe em  $w'$ , existe um  $w''$  tal que  $w''$  é mais normal que  $w'$ , e para cada  $w'''$  que é mais normal que  $w''$ , (um correspondente do) interlocutor em  $c$  trabalha muito.

(adaptado de Alonso-Ovalle, 2000)

Desse modo, o autor afirma que *pro2*, diferentemente de *tú*, não pode ser considerado um “designador rígido.” Para dar conta do comportamento indexical e arbitrário de *pro2*, Alonso-Ovalle (2000), seguindo a proposta de semântica de situações de Kratzer (1989), propõe que *pro2* seleciona um indivíduo (que não seja o falante) em uma dada situação de referência (*sr*), adotando a seguinte denotação:

$$(95) [[\text{pro2}]]^{g,s} = g (f (s))$$

Where  $f$  is a free variable ranging over  $\{g \in D_e^{Ds}: g \neq \text{speaker} (s_0)\}$ <sup>36</sup>

(Alonso-Ovalle, 2000)

Em sentenças episódicas, a situação de referência é a situação de enunciação ( $s_0$ ). O valor de *pro2*, quando aplicado a  $s_0$ , é sempre o interlocutor em  $s_0$  porque é o conceito mais saliente em  $s_0$ . No entanto, em sentenças genéricas, *pro2* pode adquirir seu valor a partir de mais de outras situações: aquelas que estão sendo quantificadas. Assim, as condições de verdade de (94a) não fazem referência ao interlocutor necessariamente - qualquer indivíduo que esteja nessa situação prototípica desse departamento está trabalhando muito. Como *pro2* impessoal ocorre apenas em sentenças genéricas, o valor de  $f$  é determinado em relação às situações mais normais quantificadas pelo operador genérico.

Note que essa proposta, diferente das duas que veremos a seguir, consideram o pronome como um definido.

#### 4.2.4 Moltmann (2006, 2010)

<sup>36</sup>  $[[\text{pro2}]]_{g,s} = g (f (s))$

Onde  $f$  é uma variável livre que varia sobre  $\{g \in D_e^{Ds}: g \neq \text{locutor} (s_0)\}$ .

Esta autora estuda o uso genérico do pronome *one* do inglês. Moltmann (2006, 2010) observa que o pronome genérico *one* possui uma “first person orientation” (orientação para primeira pessoa). O que isso representa é que este pronome, em seu uso genérico, levaria à generalização de uma experiência ou ação em primeira pessoa. Para a autora, isto pode ocorrer de algumas maneiras. Primeiro, o falante pode partir de uma experiência pessoal que vai generalizar para qualquer pessoa que atenda às mesmas condições. No entanto, também é perfeitamente aceitável que o falante faça essa afirmação sem ter tido essa experiência, tomando (simulando) a perspectiva de outras pessoas que atendem a dada condição, como fica claro em (96b). Assim, um agente atribui propriedades a um grupo de indivíduos ao se colocar no lugar deles, ou ao simulá-los. Por fim, podemos partir de uma generalização estabelecida independentemente e direcionada para uma atribuição/aplicação em primeira pessoa por parte do destinatário, como em (96c).

- (96) a. One can see the picture from the entrance.  
 b. One can see me from the entrance.  
 c. One should not lie.

Desse modo, Moltmann (2006, 2010) entende o pronome *one* como um pronome genérico orientado à primeira pessoa, pois não representa a pessoa real do falante, mas sim um grupo de indivíduos com os quais o falante se identifica ou simula.

A proposta formalizada de Moltmann (2006) é que a ocorrência de *one* introduz uma variável complexa cujo primeiro componente é uma variável simples  $x$  que será ligada pelo operador genérico e o segundo componente representa a propriedade de ser idêntico ao agente relevante ( $y$ ). O primeiro componente é responsável pelas condições de verdade de sentenças genéricas, o segundo componente é responsável pela conexão com a primeira pessoa:

- (97)  $\lambda y[Gn x \text{ can see the picture from the entrance } (<x, \lambda z[z = y]>)$

Em Moltmann (2010), a autora aprofunda sua análise. A proposta é que um agente aplique um predicado a  $d$  com base em sua "identificação com"  $d$  (ou "simulação" ou "projeção de si mesmo" em  $d$ ). Essa identificação não exige que o próprio agente esteja entre esses valores, apenas requer que o agente se projete em qualquer pessoa que atenda às condições relevantes dadas contextualmente. A autora compara essa ideia com *as-phrases*:

(98) a. XP *as* (“como”) YP

b. He sold it as new

“Ele vendeu isso como novo”

c. John as a poet is not very rich

“John enquanto poeta não é muito rico”

Moltmann (2010) explica que o efeito da *as-phrase* como modificador do XP é condicionar a aplicação de predicados ao XP. Assim, o fato de John ser poeta é fundamento para a afirmação de que John não é muito rico. Desse modo, um predicado se aplica a qualquer valor  $d$  do *one* genérico com base no agente se identificar com  $d$ . Se um predicado se aplica a uma entidade  $d$  com base nessa entidade tendo uma propriedade específica  $P$  esse predicado se aplica a  $d$  *qua*  $P$ . Assim, *one* não abrange entidades  $d$  que atendem à dada condição, mas sim entidades  $d$  *qua* (enquanto)  $\lambda y[Izy]$ <sup>37</sup>. A expressão  $\lambda y[Izy]$  representa a propriedade de ser um  $y$  tal que  $z$  se identifica com  $y$  e funciona como uma condição que governa a aplicabilidade do predicado, estipula quando esse predicado pode ser aplicado. Aqui,  $z$  é uma variável que representa o agente relevante e está vinculada pelo operador lambda definindo a propriedade na autoatribuição:

(99) a. One can see the picture from the entrance.

b.  $\lambda z[Gn\ x\ can\ see\ in\ the\ picture\ from\ the\ entrance\ (qua\ (x,\ \lambda y[Izy])$

Neste contexto, a expressão descreve uma condição em que  $x$  (alguma entidade) tem a capacidade de ver uma imagem a partir da entrada, e a variável  $z$  está vinculada pelo operador lambda  $\lambda y[Izy]$ , indicando que  $z$  se identifica com  $y$ .

Por fim, essas propostas supõem que, em sentenças genéricas com *one*, haveria um operador genérico, representado por um operador vazio em posição de Spec-CP. Este operador carrega, bem como o próprio pronome, o traço de genericidade [+gn]. Este traço é não-interpretável no pronome, mas interpretável no operador.

Em uma frase com *one* genérico, teríamos, portanto:

(100) [<sub>CP</sub> [SPEC(C) O[+gn]]<sub>i</sub> [<sub>IP</sub> most books that one<sub>i</sub> buys are not about oneself<sub>i</sub>]]

“a maioria dos livros que uma pessoa compra não são sobre ela”

<sup>37</sup> O símbolo “I” representa a operação “se identifica com”



(MOLTMANN, 2006, p.262)

Propor o traço [+gn] para um pronome como *you* nos deixa com uma questão a ser explicada: por que na maioria das línguas apenas os mesmos pronomes pessoais têm acesso a esse traço (geralmente *a gente, nós, você* e *eu* são pronomes que podem ter leitura genérica, enquanto *vocês, ela, ele* e *eles*<sup>38</sup> não), ou seja, não capturaríamos a generalização do uso destes pronomes.

Podemos propor, seguindo a análise de Moltmann (2006, 2010), que *you* impessoal leve a generalização de uma experiência ou ação em segunda pessoa e o *one* em primeira pessoa, de modo que não é possível convidar uma terceira pessoa a fazer essa simulação genérica e por essa razão *ele, ela* e *eles* não são compatíveis com a leitura impessoal. No entanto, como aponta Malamud (2012), não fica claro porque línguas que utilizam o pronome de segunda pessoa do singular como impessoal, são muito mais comuns do que línguas que utilizam a primeira pessoa - não há, por exemplo, línguas em que apenas a primeira pessoa, mas não a segunda tenha leitura impessoal.

#### 4.2.5 Malamud (2012)

Para essa autora, pronomes impessoais do tipo *you* contêm traços que introduzem dois componentes na semântica desses pronomes: um componente indexical e uma variável, introduzida pelo traço [arb]:

(101) a.  $[[2^{nd}]]^{c,i} = \text{HEARER}(c)$

b.  $[[arb]]^{c,i} = x$

A autora propõe que esses traços se combinem, um se tornando um modificador como *as-phrase* do outro, resultando em um objeto *qua*. Segundo Malamud (2012), o traço [arb]

---

<sup>38</sup> Estamos considerando que eles não são pronomes impessoais pelo seu comportamento distinto: eles só tem a leitura de um grupo não específico quando ocorre com um locativo ou marcação temporal; além disso, nunca significam “qualquer pessoa”, “todas as pessoas” porque exclui o falante e o ouvinte. Podemos observar que they não pode ser usado em frases onde you e one são utilizados

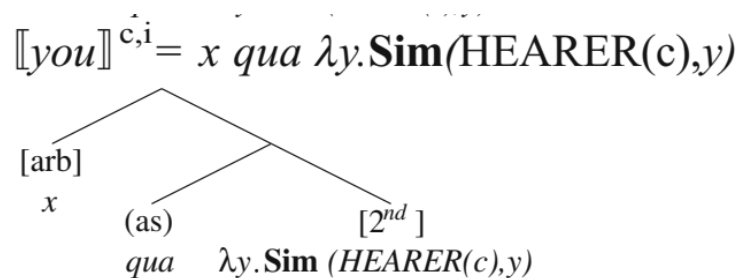
(i) a. He said you can find this product in the local mall

b. He said one can find this product in the local mall

c. #He said they can find this product in the local mall

cria um contexto coercitivo<sup>39</sup>, onde o traço [2nd] gera a propriedade contida em seu telic quale<sup>40</sup> (a função de se colocar/imaginar em várias situações; simular outras pessoas), com o fechamento existencial<sup>41</sup> do argumento do evento. A propriedade coagida então se aplica à variável individual introduzida por [arb] para formar um objeto *qua*. Um objeto *qua* é um tipo especial de entidade, consistindo em algo específico, por exemplo 'a' (sua 'base'), juntamente com uma propriedade, digamos 'F' (sua 'glosa'), e é denotado por 'a *qua* F' (Fine, 1982). Assim, [2nd] não é interpretado como uma referência direta ao ouvinte, mas como uma propriedade de ser "simulado" pelo ouvinte. Essa propriedade combina com a variável introduzida por [arb] para criar um objeto *qua*, uma variável do tipo  $\langle x, \lambda x. \text{Sim}(x, \text{ouvinte}(c)) \rangle$ .

Figura 18 - Combinação dos traços [arb] e [2nd]



<sup>39</sup>[2nd] e [arb] são traços de tipo e, então eles não podem ser combinados, a partir de um conjunto de traços, por meio funcional application (aplicação de função). Assim, um mecanismo interpretativo para conciliar combinar esses traços é a operação de coerção.

<sup>40</sup>Pustejovsky e Jezek (2016) explicam que quale é um termo que a Generative Lexicon (GL) empresta da filosofia para indicar um único aspecto do significado de uma palavra, definido com base na relação entre o conceito expresso pela palavra e outro conceito que a palavra evoca. Entre as relações conceituais que uma palavra pode ativar, as relações de Qualia são aquelas relevantes para a maneira como a palavra é usada na linguagem.

Em Pustejovsky (1991), a Estrutura de Qualia consiste em quatro papéis básicos:

- Formal: codificação de informações taxonômicas sobre o item lexical (a relação de é-um);
- Constitutivo: codificação de informações sobre as partes e a constituição de um objeto (relação de parte-de ou feito-de);
- Télico: codificação de informações sobre propósito e função (a relação de usado-para ou funciona-como);
- Agentivo: codificação de informações sobre a origem do objeto (a relação de criado-por).

<sup>41</sup> Fechamento existencial: Ligador não-seletivo  $\exists$  liga todas as variáveis livres em seu escopo, neste caso apenas  $x_1$

(cat( $x_1$ ) & be-at-the-door( $x_1$ ) & wanted-to-be-fed( $x_1$ ))

Fonte: Malamud (2012)

Com objetivo de explicar a ausência de *you* em contextos episódicos, a autora ainda propõe que o pronome tenha um traço [gn] não interpretável que requer um quantificador sentencial. Um IP contendo um pronome com essa traço deve necessariamente conter operador genérico silencioso (Moltmann 2006) ou um advérbio quantificacional marcando o IP como genérico (cf. Cabredo-Hofherr 2010).

Essa análise, assim como a de Moltmann (2006, 2010), precisam explicar uma questão não resolvida: por que a segunda pessoa com uso impessoal é mais comum do que a primeira pessoa com essa leitura? Uma língua como o inglês, em que *você* pode ser impessoal, mas não *eu*, deveria ser tão provável quanto uma língua em que apenas *eu* pode ser usado como impessoal. No entanto, não há, até onde sabemos, uma língua do segundo tipo.

Na proposta de Malamud (2012), vemos ainda que é importante que haja um traço de segunda pessoa, porque é importante capturar a simulação do ouvinte: “the hearer of the context parameter *c*, are persons/communicating creatures (formal quale) whose role is to imaginatively place themselves into various situations—that is, to simulate other people (telic quale)”<sup>42</sup> (Malamud (2012). Não seria possível capturar essa característica se *você* tiver traço de terceira pessoa.

#### 4.2.6. Zobel (2014)

A análise de Zobel (2014) para *ich* e *du* impessoais se baseia na proposta de Nunberg (1993) para expressões indexicais e na formalização de Elbourne (2008). A autora propõe que estruturas pronominais são *Hemian indefinites* (indefinidos heimianos, como explicado no final da subseção 4.2.1.1) que contribuem com conteúdo descritivo com base em uma relação determinada contextualmente no sentido de Nunberg (1993).

Nunberg (1993) sugere que expressões indexicais são formadas a partir de três componentes: um componente dêitico, um componente relacional e um componente classificatório. O componente dêitico seleciona uma entidade do contexto, o índice. No exemplo dado por Zobel (2014), temos que para o pronome *we* (*nós*), o único indivíduo relevante, dado contextualmente (o índice) é o falante/o conjunto de falantes da enunciação. O

---

<sup>42</sup> O ouvinte do parâmetro de contexto *c* são pessoas/criaturas comunicativas (quale formal) cujo papel é se colocar imaginativamente em várias situações, ou seja, simular outras pessoas (quale telico).

componente relacional impõe requisitos sobre a relação que existe entre o índice e possíveis referentes. No caso de *we*, por exemplo, o referente deve ser uma pluralidade de indivíduos que inclui o falante. Assim, o componente relacional para *we* (nós) restringe as relações possíveis àquelas em que o índice faz parte do referente. O terceiro componente é o componente classificatório, que contém informações morfossintáticas e semânticas sobre os traços, como número, gênero e animacidade, que restringem ainda mais a escolha do referente. *We*, por exemplo, deve ser uma pluralidade animada.

Seguindo essa proposta, os componentes de *você* seriam os seguintes:

- (102) a. deictic component: the index is the addressee in c  
 b. relational component: restricts the possible relations to those that relate the index to semantic values that the speaker instantiates  
 c. classificatory component: constrains the final referent to singular, animate etc. individuals<sup>43</sup>

Elbourne (2008) propõe, seguindo a análise de Nunberg (1993), uma representação sintática para expressões pronominais:

- (103) [ pronome [ R1 i2 ] ]  
 R . . . modela a relação determinada contextualmente  
 i . . . modela o índice

(Elbourne 2008, p.421)

Como Zobel analisa os pronomes como *Hemian indefinites*, ela propõe a seguinte modificação a essa estrutura. Nos usos impessoais, a variável livre *x* seria ligada por um operador genérico *Gen* em nível sentencial (Krifka, 1995):

- (104) x [ R<sub>2</sub> i<sub>1</sub> ] ]  
 x . . . free variable contributed by the pronoun  
 i . . . models Nunberg's index  
 R . . . models the contextually determined relation between x and i

---

<sup>43</sup> a. Componente deíctico: o índice é o destinatário em C.

b. Componente relacional: restringe as relações possíveis àquelas que relacionam o índice a valores semânticos que o falante instancia.

c. Componente classificatório: limita o referente final a indivíduos singulares, animados, etc.

(Zobel, 2014)

A autora propõe que o valor para R seja uma relação de identificação que relaciona indivíduos a conjuntos de indivíduos com os quais eles se identificam (seguindo Moltmann 2006, 2010). Portanto, para os usos impessoais, o valor para R é a relação "identifica-se com":

(105)  $\lambda y e. \lambda x e. \lambda w. \text{identifica-se-com}(y)(x)(w)$

Na interpretação impessoal o componente deítico seleciona os mesmos indivíduos do contexto que ela faz na interpretação referencial. O ouvinte é definido como o valor de *i*. A autora atribui a R uma relação de identificação no sentido de Moltmann (2010), que relaciona o indivíduo selecionado pelo componente deítico à variável *x* que é genericamente quantificada. Assim, o componente dêitico estabelece a ligação com o interlocutor, mas a possibilidade de referentes é um conjunto de entidades que mantêm uma relação com o interlocutor (estabelecida pelo componente relacional).

### 4.3 *Você* impessoal enquanto expletivo?

Há sentenças que não exigem um sujeito semântico. Entretanto, é sabido que toda sentença requer o preenchimento da posição de sujeito<sup>44</sup>. Essa exigência é denominada de Princípio de Projeção Estendida (EPP). Note, por exemplo, a diferença no uso de "it" e "il" nas sentenças em (106). Podemos observar que em (106a) e (106c), "it" e "il" referem-se a algo - um objeto e uma pessoa, respectivamente, enquanto em (106b) e (106d), esses pronomes parecem desempenhar uma função puramente gramatical, estando semanticamente esvaziados:

<sup>44</sup> Haider (2015) aponta que o EPP foi formulado com dados no inglês e evidências confirmatórias surgiram a partir de línguas europeias com estrutura SVO. No entanto, línguas com estrutura OV não reconhecem o EPP. Em línguas SVO não pro-drop, a falta do sujeito realizado em uma sentença é compensada por meio de um sujeito expletivo. Em línguas SOV não pro-drop, sujeitos expletivos são agramaticais em sentenças verdadeiramente sem sujeito. Observe os exemplos abaixo. Nas línguas escandinavas, um sujeito expletivo faz com que o EPP seja respeitado. No alemão, o sujeito expletivo é considerado agramatical na sentença (ib) e (ic). 'Es' seria o sujeito expletivo apropriado, visto que também é obrigatório como sujeito expletivo na posição de especificador no início de uma cláusula V2 como (id).

(i) a. Ofte vart \*(det) telefonert [Norwegian]

b. Oft wurde (\*es) telephoniert [German]

c. Hier telephoniert \*(es) sich leicht

d. Es wurde oft telephoniert

(Haider, 2015)

- (106) a. I bought it  
 “Eu comprei isso”  
 b. It’s raining  
 “Está chovendo”  
 c. Il est heureux  
 “Ele está feliz”  
 d. Il y a deux croissant à la boulangerie  
 “Tem/há dois croissants na padaria”

Em línguas que não exigem um sujeito expreso, ou seja, línguas pro-drop, o sujeito pode ser realizado por uma categoria vazia, *pro*. Assim, mesmo que não expreso foneticamente, a posição de Spec-TP está preenchida, satisfazendo o EPP:

- (107) a. *pro* Está chovendo  
 b. *pro* Me sembra che sia triste

Vitral e Ramos (1999) descrevem um uso da forma *você* em sentenças com ter existencial, analisando-o como um pronome expletivo. Os autores entendem esse uso como parte do processo de gramaticalização desse pronome:

- (108) a. Em Kioto, você tem aquela confusão nas ruas.  
 b. Em Buenos Aires, você tem confeitarias.

(adaptado de Vitral e Ramos, 1999)

Interessantemente, vemos uma exigência próxima ao *você* impessoal. Parece só ser possível essa leitura apontada por Vitral e Ramos (1999) se na sentença houver um advérbio/ locução adverbial locativa ou temporal.

Uma questão que parece não ser explicada pela análise de *você* enquanto expletivo é o porquê de nunca encontrarmos *você* expletivo em sentenças com haver:

- (109) \*Você há muitos castelos na Europa

Além disso, também não encontramos *você* ou nenhum outro pronome na posição de sujeito de sentenças com verbos meteorológicos. Avelar (2009) argumenta contra a ideia de que *você* seria um expletivo, propondo que estamos lidando com *você* impessoal (que o autor chama de *você* genérico). Este *você* seria gerado num local diferente de sentenças com *ter* possessivo. Partindo do pressuposto que o "ter" existencial seleciona um DP/NumP como complemento, o autor considera que este DP é estruturado da seguinte forma:

(110) a. [<sub>VP</sub> ter [<sub>DP/NumP</sub> D<sup>0</sup>/Num<sup>0</sup> [<sub>XP</sub> X<sup>0</sup> [<sub>PredP</sub> Pred<sup>0</sup>] ]]]

b. [<sub>VP</sub> tem [<sub>NumP</sub> muitos [<sub>XP</sub> [<sub>NP</sub> castelos ] [<sub>X'</sub> X<sup>0</sup> [<sub>LocP</sub> na Europa ]]]

(Avelar, 2009)

Em uma sentença com o *você* genérico, este seria inicialmente mergido em uma posição temática, [Spec,LocP], mas moveria-se para [SpecTP] para valorar Caso. É necessário assumir que não há XP dentro de construções com *haver* para que essa análise seja coerente.

## 5 Proposta preliminar

Com base na literatura revista nesta dissertação, nota-se que não há uma única resposta possível para estas perguntas, de modo que há possibilidades distintas para o inventário de traços da segunda pessoa do singular no PB. Quanto aos traços envolvidos na concordância, duas alternativas parecem ser mais coerentes. A primeira alternativa é que *você* possui morfossintaxe de pronome de terceira pessoa, sendo o traço de terceira pessoa (pelo menos em PB) representado pela ausência de traços de pessoa, adaptando a proposta de Martins e Nunes (2020) ao quadro teórico da Morfologia Distribuída. Assim, o nó terminal não apresentaria traços de pessoa. Dessa maneira, um traço com [3] ou [-participant] não estaria envolvido na composição do pronome e portanto não introduziria pressuposições que impedem a leitura de segunda pessoa. O que Menuzzi (2004) e Martins e Nunes (2021) se referem como uma especificação semântico do pronome poderíamos atribuir ao valor semântico gerado pelo componente dêitico da proposta de Zobel (2014).

A segunda alternativa seria propor que o nó terminal onde *você* é inserido possui traços de segunda pessoa, mas, antes da inserção, ocorre uma operação de empobrecimento, eliminando esses traços de pessoa. Assim, no final, temos um mesmo resultado: não há traços de pessoa no nó terminal previamente à inserção de vocabulário. Seria relevante realizar um estudo dos diferentes dialetos, levando em consideração o fator da formalidade do pronome *você* e *tu*, para observar se essa proposta tem potencial de explicar os casos em que temos *tu* com concordância de segunda pessoa.

Para lidar com a leitura impessoal, note, primeiramente, que contar com uma ferramenta como a Inserção Tardia dos IVs nos permite escapar de uma proposta em que seja necessário estipular duas entradas homófonas do pronome *você*. As alternativas mais pertinentes observadas no capítulo 4 são aquelas que propõe que os pronomes se comportem como *Hemian indefinites* (Moltmann, 2006; Malamud, 2012; Zobel, 2014) sendo a variável introduzida pelo pronome ligada a um operador genérico. A proposta de Zobel (2014) é interessante pois não introduz novos traços para lidar com a semântica do pronome. A autora altera a maneira que o pronome deve ser interpretado ao propor os componentes dêitico, relacional e classificatório (de modo que o traços morfossintáticos não determinam exclusivamente o valor semântico final de um pronome pessoal) e a função “identifica-se com.” As propostas de Moltmann (2006) e Malamud (2012) também trazem contribuições interessantes com a ideia de simulação da pessoa. Seguindo essas duas últimas propostas, no entanto, seria necessário escolher a proposta que considera que *você* possui traços de segunda



pessoa e sofre empobrecimento antes da inserção de vocabulário, de modo que, na LF, *você* apresentaria traços de segunda pessoa.

Nesta dissertação, escolhemos focar nos aspectos morfossintáticos do pronome, de modo que estabeleceremos que este é um pronome que possui traços de terceira pessoa e que o traço de terceira pessoa no PB é representado pela ausência de traços de pessoa. Para lidar com o uso impessoal, portanto, seguiremos a proposta de Zobel (2014). A autora não determina claramente como deveremos lidar com o componente classificatório (os traços de pessoa) em sua proposta para pronomes impessoais e pontua este problema como um passo futuro da pesquisa. Esse componente pode se mostrar um problema para essa análise: um pronome, como *you*, que tem traços de segunda pessoa, teria seu valor final restringido pela pressuposição que os traços de segunda pessoa introduzem, ou seja, necessariamente estaríamos nos referindo ao ouvinte, eliminando a possibilidade da leitura impessoal (note que na leitura impessoal, o ouvinte nem mesmo precisa estar incluído no subconjunto de referentes possíveis como vemos em (111a). No caso do *você*, apesar de não termos problemas com o traço de pessoa, teríamos um problema com o traço de número singular, uma vez que *você* impessoal pode ser usado para se referir a conjuntos de indivíduos plurais como em (111b). Zobel (2014) sugere que o componente classificatório possivelmente restringiria apenas o valor do componente dêitico. Dessa forma, o valor final do pronome não dependeria exclusivamente do componente classificatório.

(111) a. O bom de ser professor é que *você* aprende muito com as experiências em sala de aula.

b. Casais de noivos se estressam porque *você* precisa fazer muita coisa antes do casamento

## 6 Considerações finais

O objetivo geral desta dissertação foi rever a literatura relacionada ao fenômeno de concordância do pronome *você* e a interpretação de pronomes impessoais, buscando analisar a composição de traços morfossintáticos do pronome de segunda pessoa do singular do PB. Os objetivos específicos podem ser resumidos nas seguintes perguntas:

a) O sincretismo verbal é resultado de uma subespecificação dos itens de vocabulário de Agr (concordância)? Isso explica a concordância de *você* com a terceira pessoa ou é preciso propor que *você* tenha traços de terceira pessoa?

b) Há traços sintáticos e de interface semântica que distinguem os dois tipos de referência do pronome *você* no PB: referencial ou impessoal? Há necessidade de postular novos traços para dar conta desta última leitura?

Com propósito de responder a primeira questão, discuti como os traços de pessoa contribuem para a interpretação semântica do pronome pessoal. Nesse sentido, a interface entre a morfossintaxe e a semântica tiveram enfoque. Tratei, ainda, da concordância verbal com o pronome *você* e os clíticos de segunda pessoa, tentando entender como conciliar o comportamento semântico e morfossintático do pronome e observando cinco propostas que lidam com esta incongruência apontada. Foram observados, assim, alguns caminhos possíveis para traçar a composição de traços pronome *você*: a) bem como *a gente*, na proposta de Menuzzi (2004), *você* teria especificação gramatical de terceira pessoa do singular; b) *você* não possuiria valor morfológico para pessoa e número apresentando a concordância verbal *default*; c) o nó terminal deste pronome teria traços de segunda pessoa do singular, mas sofreria uma operação de empobrecimento antes da inserção; d) *você* seria um impostor no sentido de Collins e Postal (2012); e) *você* teria traços de segunda pessoa do singular, mas os traços de pessoa são desmembrados ( $[\pi$  participant speaker];  $[\pi$  participant];  $[\pi]$ ) e a concordância pode ocorrer mesmo se a sonda tiver apenas um subconjunto dos traços do alvo.

Na continuação da discussão sobre a composição do pronome *você*, explorei a leitura impessoal deste pronome. Para isso, também foram observadas propostas sobre o tema, deixando-nos com algumas alternativas para lidar com esse uso do *você*: a) a leitura impessoal de *você* seria resultado da subespecificação dos traços de [definitude] e [especificidade] (Carvalho, 2018); b) *você* possuiria duas estruturas subjacentes -  $\phi$ P e DP - sendo a leitura impessoal possível apenas com a estrutura  $\phi$ P, pois esta pode funcionar como variável e ser

presa pelo operador genérico (Gruber, 2017); c) *pro2* introduz uma variável cujo assinalamento depende da saliência do referente no contexto de enunciação (no caso referencial) e em situações genericamente quantificadas (no caso impessoal) ; d) *você* introduziria uma variável, que está presa pelo operador genérico e um segundo componente que modela a conexão com a primeira pessoa (Moltmann, 2010); e) para Malamud (2012) os pronomes impessoais do tipo *você* possuiriam dois componentes: um componente indexical que seria o traço de segunda pessoa e uma variável *x* (introduzida pelo traço [arb]) que será ligada ao operador genérico. O traço de segunda pessoa, quando combinado com [arb], produz uma propriedade contida em sua representação que é a propriedade de se colocar em outras situações, simular um outro indivíduo. Os traços [arb] e de segunda pessoa, ao serem combinados, formariam um *qua object*; f) para Zobel (2014), o pronome pessoal introduz uma variável livre *x* e seu valor semântico é determinado a partir da interação de 3 componentes (dêitico, relacional e classificatório). Na interpretação impessoal, o componente dêitico de *você* selecionaria os mesmos indivíduos do contexto que selecionaria na interpretação referencial; assim, o ouvinte seria definido como o valor de *i*. O componente relacional seria uma relação de identificação no sentido de Moltmann (2010), que relaciona o indivíduo selecionado pelo componente dêitico à variável *x* que é genericamente quantificada.

Foi observado que, apesar de ser um caminho, não é necessário propor que *você* possua traços de segunda pessoa para explicar seu comportamento morfossintático e semântico, Além disso, é possível explicar a leitura impessoal do pronome sem propor novos traços em sua composição.

## Referências

- ALONSO-OVALLE, Luis. Is the arbitrary interpretation a semantic epiphenomenon? University of Massachusetts Occasional Papers, v. 23, 2000. p. 155-183.
- ALONSO-OVALLE, Luis. Arbitrary pronouns are not that indefinite. Amsterdam Studies in the Theory and History of Linguistic Science Series 4, 2000. p. 1-14.
- ANAND, Pranav; NEVINS, Andrew. Shifty operators in changing contexts. In: Semantics and linguistic theory, 2004. p. 20-37.
- ANDERSON, Stephen R. *A-morphous morphology*. Cambridge University Press, 1992.
- ARONOFF, Mark. Word formation in generative grammar. *Linguistic Inquiry Monographs Cambridge, Mass* 1, 1976. p. 1-134.
- ARREGI, Karlos; NEVINS, Andrew. Beware Occam's syntactic razor: Morphotactic analysis and Spanish mesoclis. *Linguistic Inquiry*, v. 49, n. 4, 2018. p. 625-683.
- BARBOSA, Pilar e MULLER, Ana Lúcia de Paula e OLIVEIRA, Fátima. *Nomes simples: questões sintáticas e semânticas*. Boletim da Associação Brasileira de Linguística. Fortaleza: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2001
- BORER, Hagit. Exo-skeletal vs. endo-skeletal explanations: Syntactic projections and the lexicon. *The nature of explanation in linguistic theory*, v. 31, p. 67, 2003.
- BORER, Hagit. *Structuring sense: volume 1: In name only*. Oxford University Press, 2005a.
- BORER, Hagit. *Structuring Sense: volume 2: The normal course of events*. Oxford University Press, 2005b.
- BORER, Hagit. *Structuring sense: volume III: taking form*. OUP Oxford, 2013.
- CARVALHO, Danniell da Silva. A estrutura interna dos pronomes pessoais em português brasileiro. 2008. Tese (doutorado em Letras e Linguística: Linguística) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2008.
- CARVALHO, Danniell da Silva. O estatuto morfossintático de definitude. In: CARVALHO, Danniell da Silva; DE SOUSA, Lilian Teixeira. (Orgs.). *Gramática gerativa em perspectiva*. São Paulo, SP: Editora Edgard Blücher Ltda. p.25-46.
- CAVALCANTE, Silvia Regina de Oliveira. *A indeterminação do sujeito na escrita padrão: a imprensa carioca nos séculos XIX e XX*. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1999.
- CHAVES, Elaine. Implementação do Pronome Você: a contribuição das pistas gráficas. 2006. Dissertação (mestrado em Estudos Linguísticos). Faculdade de Letras - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.
- CHOMSKY, Noam. *Aspects of the Theory of Syntax*. Cambridge, MA: MIT Press, 1965.

———. Remarks on nominalization. In: Jacobs, Roderick & Rosenbaum, P. (eds.) *Reading in English Transformational Grammar*. Waltham, MA. 1970. p.184-221.

———. *The Minimalist Program*. MIT Press, 1995.

CINTRA, Luís Filipe Lindley. *Sobre "formas de tratamento" na língua portuguesa:(ensaio)*. Lisbon: Livros horizonte, 1972.

COLLINS, Chris; POSTAL, Paul Martin. *Imposters: A study of pronominal agreement*. MIT Press, 2012.

COLLINS, Chris; ORDÓÑEZ, Francisco. Spanish *usted* as an imposter. *Probus*, v. 33, n. 2, 2020, p. 249-269.

DÉCHAINED, Rose-Marie; WILTSCHKO, Martina. Decomposing pronouns. *In: Linguistic inquiry*, v. 33, n. 3, p. 409-442, 2002.

DÉCHAINED, Rose-Marie; WILTSCHKO, Martina. When and why can 1st and 2nd person pronouns be bound variables. *In: NELS 40: Proceedings of the semantics workshop on pronouns*. Amherst, MA: GLSA, p. 1-50, 2015

DEMIRDACHE, Hamida. Condition C. *In: BENNIS, Hans; PIERRE, Pica; ROORYCK, Johan (Eds). Atomism and binding*, Dordrecht: Foris, p.51-87, 1997.

DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia; LOPES, Célia Regina dos Santos. Realizaram, realizou-se ou realizamos...? As formas de indeterminação do sujeito em cartas de jornais no século XIX. *In: DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia; CALLOU, Dinah. Para a História do Português Brasileiro*, v. 4, Notícias de corpora e outros estudos. Rio de Janeiro: In-Fólio, 2002.

EMBICK, David; NOYER, Rolf. Distributed morphology and the syntax/morphology interface. *In: RAMCHAND, Gillian; REISS, Charles (eds.) The Oxford handbook of linguistic interfaces*, p. 289-324, 2007.

GREENBERG, Yael. *Manifestations of genericity*. Routledge, 2003.

GRUBER, Bettina. Indexical pronouns: Generic uses as clues to their structure. *Poznań Studies in Contemporary Linguistics*, v. 47, n. 2, 2011. p. 331.

———. Temporal and atemporal uses of 'you': indexical and generic second person pronouns in English, German, and Dutch. *The Journal of Comparative Germanic Linguistics*, v. 20, n. 3, p. 199-227, 2017.

HALLE, Morris. Prolegomena to a theory of word formation. *Linguistic inquiry*, v. 4, n. 1, p. 3-16, 1973.

HALLE, Morris; MARANTZ, Alec. Distributed morphology and the pieces of inflection. In: BROMBERGER, Sylvain (ed.). *The View from Building 20: Essays in linguistics in honor of Sylvain Bromberger*, p. 111-176, 1993.

HARLEY, Heidi; NOYER, Rolf. *State-of-the-Article: Distributed Morphology*. *Glott*, v. 4, n.4, p. 3-9, 1999.

HARRIS, James. Spanish imperatives: Syntax meets morphology. *Journal of Linguistics*, v. 34, n. 1, 1998. p. 27-52.

HEIM, Irene. *The Semantics of Definite and Indefinite Noun Phrases*. UMass, Ph. D. dissertation, 1982.

———. Features on bound pronouns. *Phi theory*, p. 35-56, 2008.

HEINAT, Fredrik. Binding condition C and derivation by phase. Manninen & Paradis, 2004.

HOLMBERG, Anders; PHIMSAWAT, On-Usa. Generic pronouns and phi-features: evidence from Thai. In: *The Second Asian and European Linguistic Conference Proceedings*. 2015. p. 55-71.

JACKENDOFF, Ray. Morphological and Semantic Regularities in the Lexicon, *Language*, 51, 1975. p. 639–671

KATO, Mary Aizawa; TARALLO, Fernando. Anything YOU can do in Brazilian Portuguese. *Studies in Romance Linguistics*, p. 343-358, 1986.

KRATZER, Angelika. German impersonal pronouns and logophoricity. *Apresentação em Sinn und Bedeutung II*. Berlim, Alemanha, 1997.

———. Making a pronoun: Fake indexicals as windows into the properties of pronouns. *Linguistic Inquiry*, v. 40, n. 2, p. 187-237, 2009.

KRIFKA, Manfred. An Outline of Genericity [partly in collaboration with C. Gerstner], SNS-Bericht, University of Tübingen, 1987.

———. The Relational Theory of Genericity, in M.Krifka (ed.), *Genericity in Natural Language*, 285–312 SNS-Bericht 88–42 , University of Tübingen, 1988.

———. Focus and the interpretation of generic sentences. In: CARLSON, G. N. & PELLETIER, F. J. (Eds.), *The generic book*. University of Chicago Press, 1995. p.238-264.

KRIFKA, M.; PELLETIER, F. J.; CARLSON, G; TER MEULEN, A.; CHIERCHIA, G. & LINK, G. Genericity: an Introduction. In: G. CARLSON & F. J. PELLETIER (eds.): *The Generic Book*, 1995. p. 1-124.

LAPOINTE, Steven. *The Theory of Grammatical Agreement*. Dissertação de PhD. University of Massachusetts, Amherst. 1980.

LIEBER, Rochelle. *On the organization of the lexicon*. 1980. Tese de Doutorado. Massachusetts Institute of Technology.

LIGHTFOOT, D. *The development of language: Acquisition, change, and evolution*. Wiley-Blackwell, 1999.

LOPES, Célia Regina dos Santos. Processo evolutivo de ‘Vossa Mercê’>‘Você’(português) e ‘Vuestra Merced’>‘Usted’(espanhol). *II Congresso Internacional da ABRALIN- Associação Brasileira de Lingüística*. 2001.

LYONS, Christopher. *Definiteness*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

MACHADO, Ana Carolina Morito. *As formas de tratamento no teatro brasileiro e português dos séculos XIX e XX*. 2011. Tese (doutorado em Letras Vernáculas) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

MALAMUD, Sophia Alexandra. *Semantics and pragmatics of arbitrariness*. 2006. Tese de Doutorado. University of Pennsylvania.

———. Impersonal indexicals: one, you, man, and du. *Journal of Comparative Germanic Linguistics* (Online First), 2012. p. 1–48.

MARANTZ, Alec. No escape from syntax: Don't try morphological analysis in the privacy of your own lexicon. University of Pennsylvania: *Working papers in linguistics*, v. 4, n. 2, p.14, 1997.

MARCOTULIO, Leonardo Lennertz. *Vossa Mercê bem sabe de onde viestes: um caso de gramaticalização na história do português*. 2012. Tese (doutorado em Letras Vernáculas) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

MARTINS, Ana Maria; NUNES, Jairo. Brazilian and European Portuguese and Holmberg's 2005 typology of null subject languages. *Romance languages and linguistic theory*, 2021.p. 171-190.

MENUZZI, Sergio. *Binding theory and pronominal anaphora in Brazilian Portuguese*. Tese de Doutorado. Utrecht: Holland Academic Graphics, 1999.

———. Concordância da anáfora pronominal em português do Brasil. Conflitos entre condições gramaticais e semânticas, e a estrutura da gramática. *In: NEGRI, Lígia; FOLTRAN, Maria José; OLIVEIRA, Roberta Pires de. (Orgs.). Sentido e significação: em torno da obra de Rodolfo Ilari*. São Paulo: Contexto, p. 96-120, 2004.

MOLTMANN, Friederike. Generic one, arbitrary PRO, and the first person. *Natural language semantics*, v. 14, n. 3, p. 257-281, 2006.

MOLTMANN, Friederike. Generalizing Detached Self-Reference and the Semantics of Generic One. *Mind & Language*, v. 25, n. 4, 2010. p. 440-473.

MÜLLER, Ana. Sentenças Genericamente Quantificadas e Expressões de Referência a Especies no Português do Brasil. *In Cadernos de Estudos Lingüísticos (UNICAMP)*, v.39, 2000. p.141-158.

———. Pronomes e anáfora - o estado da arte. *Linha d' Água*, São Paulo, SP, v. 16, 2003. p. 17-37.

PARTEE, Barbara H. Bound variables and other anaphors. *American Journal of Computational Linguistics*, 1978. p. 81-87.

———. Binding implicit variables in quantified contexts. *University of Massachusetts Occasional Papers in Linguistics*, v. 15, n. 2, 1989. p.12.

———. *Compositionality in formal semantics: Selected papers*. John Wiley & Sons, 2008.

PUSTEJOVSKY, James; JEZEK, Elisabetta. Integrating Generative Lexicon and lexical semantic resources. LREC 2016 Tutorial, 2016.

RULLMANN, Hotze. First and Second Person Pronouns as Bound Variables. *Linguistic Inquiry*, v. 35, n.1, 2004. p.159-168.

RUMEU, Márcia Cristina de Brito. Língua e sociedade: a história do pronome 'Você' no português brasileiro. 1. ed. Rio de Janeiro: *Itaca* (FAPERJ), 2013.

SCALISE, Sergio. Generative Morphology. Foris Publications, Dordrecht, 1984.

SCHERRE, M.; DIAS, E. P.; ANDRADE, C.; MARTINS, G. F. Variação dos pronomes “tu” e “você”. In: MARTINS, M. A.; ABRAÇADO, J. (org.). *Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2015. p.133-172.

SIEWIERSKA, Anna. Person. Cambridge University Press, 2004.

VITRAL, Lorenzo. A forma *cê* e a noção de gramaticalização. *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 4, n. 1, p. 115-124, 1996.

WILLIAMS, Edwin. ‘On the notions “Lexically related” and “Head of a word”’. *Linguistic Inquiry* 12.2, 1981. p. 245–274.

ZOBEL, Sarah. Impersonally interpreted personal pronouns. Doctoral Dissertation, Universität Göttingen, Staats- und Universitätsbibliothek Göttingen, 2014.